

Estudos Psíquicos

Pelo Progresso e Prestígio do Espiritismo

Pela União Fraternal da Família Espirita

Secretário

José Joaquim Gaita

Director e Proprietário

Isidoro Duarte Santos

Editor

Pedro C. Dias de Sousa

ANO 2.º

LISBOA, SETEMBRO-OUTUBRO DE 1940

N.º 7

A FALÊNCIA DO MATERIALISMO

por Isidoro Duarte Santos

II

○ S sábios físico-químicos que mencionei no último artigo afirmaram que o pensamento era fenómeno subjectivo que só poderia exercer-se por meio das células cerebrais. Mas a telepatia (transmissão do pensamento, de sensações e de imagens, em que o sujeito desempenha função passiva) está integrada no quadro da moderna psicologia. Todos os sábios, desde Frederic Myers a Charles Richet, a reconhecem como autêntica. Nas próprias universidades se têm feito experiências telepáticas, em cursos de psicologia experimental.

O pensamento transmite-se de cérebro a cérebro, com incrível rapidez, sem necessidade de condutores materiais. Esta verdade está superabundantemente demonstrada em milhares de factos, controlados por cientistas de reputação mundial.

O cérebro é receptor e emissor de vibrações, correspondentes às sensações recebidas e aos pensamentos formulados; e, embora as sensações sejam por ele exteriorizadas, todos nós as localizamos noutra parte do corpo.

Se tivermos dor de cabeça, quebrarmos um braço, ou torcermos um pé, é nessas

regiões que sentimos a dor e não no cérebro. Da mesma forma, localizamos fora de nós as sensações de som ou de cor, e não nos nervos respectivos.

— «Os sons vibrantes dum grande sino — escreve Flammarion, apoiado em Taine — parecem-nos vibrar muito longe e muito alto no ar; um apito de locomotiva parece-nos cortar o ar a cinquenta passos, à esquerda. A localização, mesmo longínqua, é ainda muito mais nítida para as sensações visuais. Vai isso a tal ponto, que as sensações de cor parecem-nos destacadas de nós; não mais percebemos que nos pertencem; cuidamos que fazem parte dos objectos. Acreditamos que a cor verde, que nos parece aplicada a três pés de nós, sobre esta poltrona, é uma das suas propriedades; esquecemos que ela só existe na nossa retina, ou, antes, nos centros sensitivos, aos quais se transmite a vibração da mesma retina. Se ali a procurarmos, não a encontraremos; em vão procuram os fisiologistas provar que o abalo nervoso que motiva sensação de cor tem início na retina, como o que provoca a sensação de contacto começa nas extremidades nervosas da mão ou do

pé; em vão nos mostram que o éter, vibrando, fere a extremidade do nosso nervo óptico, como o diapasão, que vibra, abala a superfície da mão: não temos a menor consciência dêsse contacto na retina, mesmo quando dirigimos nesse sentido toda a nossa atenção. Emfim, a côr, de modo algum reside no objecto, nem nos raios luminosos que êle irradia; está na excitação da retina».

¿Que admira, pois, que a transmissão do pensamento e a sugestão mental sejam factos incontrovertidos, de que a ciência não pode mais duvidar?

E assim como as ideas fazem vibrar as moléculas cerebrais, também a vibração destas moléculas origina sensações e ideas, por vezes tão fortes, que provocam terríveis efeitos fisiológicos.

O Conde de Rochas conta um caso muito frisante, no seu livro «Les forces non définies». Havia num colégio certo porteiro que atraía o ódio dos estudantes que vigiava. Estes apoderaram-se um dia do pobre homem, fecharam-no num quarto escuro e simularam um julgamento em forma. Relataram todos os crimes que lhe atribuíam e disseram que só podiam ser expiados pela morte, mediante decapitação. Trouxeram o machado e o cêpo. Colocaram êsses instrumentos no meio da sala e declararam ao condenado que só tinha três minutos para se arrepender. Decorrido êsse tempo, vendaram-lhe os olhos e obrigaram-no a ajoelhar-se, com o pescoço descoberto, diante do cêpo. Acto contínuo, bateram-lhe fortemente na nuca com um guardanapo molhado, dizendo-lhe, a rir, que se levantasse. Com surpresa de todos, a vítima não se mexeu. Sacudiram-no e tomaram-lhe o pulso: estava morto.

Também o Dr. Charles Richet contou na *Revue des Deux Mondes* que, tendo, um dia, seu pai, de submeter um doente a determinada operação de cálculos, êste morreu de medo, precisamente quando o cirurgião traçava, com a unha, sobre a pele, a linha da incisão.

Mas a telepatia, — dizíamos nós, — fez carreira nas experiências de Myers, de Ochorowics, de Dussart, de Richet, de Darioux, de Carrel, que documentaram, largamente, os seus trabalhos e provaram a realidade do fenómeno, tão natural como o do telefone, desde que dois cérebros estejam em sintonia. Já ninguém se admira da transmissão do pensamento, nem da influência que o imã

exerce na limalha de ferro, nem dos efeitos indutivos do primário duma bobina sobre o secundário, ao introduzi-la num circuito fechado. Há, mesmo, fenómenos bem mais admiráveis, tais como a análise espectral duma estrêla, a milhões de quilómetros de distância, e as perturbações magnéticas causadas pelas comoções solares.

Ninguém se admira, também, da sugestão mental, visto seus efeitos serem do domínio público.

Os fenómenos psíquicos e o invisível

¿Por que motivo, então, costumam os sábios desprezar o estudo dos fenómenos psíquicos e espiritas e opôr, até, barreiras intransponíveis à sua divulgação?

Em meu entender, todo o fenómeno é digno de estudar-se. Explicá-los, sem método, nem *criterium*, ou relegá-los para o campo do maravilhoso, como se não merecessem um minuto de atenção, é tão imprudente, como julgar o equilíbrio planetário pelo fuzilar dum relâmpago ou pelo fluxo e refluxo das marés.

Se uma ou outra personalidade sai da rotina, arrostando com os motejos, com a zombaria dos monopolizadores da ciência e pretende observar os factos, sem prevenções, sem ideas formadas, logo mil obstáculos se erguem ameaçadores e o pobre homem só tem dois caminhos a seguir: ou faz como William Crookes, afirmando, altivamente, a realidade dos fenómenos, ou segue o exemplo de Galileu, que abjurou suas ideas acêrca da rotação da terra, para não ser entregue à Inquisição.

A índole das investigações psíquicas afasta, geralmente, a atenção dos sábios, habituados à experimentação puramente material, na floresta das leis fisico-químicas. A aventura pelo *invisível* ou pelo *inhabitual* é coisa que os não tenta, a-pesar do universo obedecer a leis igualmente invisíveis, como a atracção, e exercer todo o seu movimento no oceano de éter, em que está mergulhado.

— Se eu pudesse reproduzir os fenómenos à vontade, não duvidaria de admiti-los, cientificamente, — declaram êles, confundindo *observação* com *experiência*. Estes fenómenos *observam-se*, *apreciam-se*, e ninguém, por mais sábio que seja, os pode relegar para o campo da fisico-química.

São semelhantes aos da meteorologia e da

astronomia. *Observa-se* uma aparição, como se observa uma aurora boreal. *Observa-se* a deslocação de objectos sem contacto, como se observa um eclipse do sol ou o arco-íris. *Observa-se* a escrita automática, como se observam os fenómenos vulcânicos.

Observai, pois, senhores materialistas, e deixai-vos de ideias obsoletas, nunca invocando, para firmeza de vossas teses, a opinião de mestres prehistóricos.

Ninguém negue sem provas, por mais incoerente e inexplicável que seja o fenómeno. Negar, por sistema, é refinada ignorância, para não dizer loucura.

Quási todos os grandes fenómenos da natureza se devem a forças invisíveis. O vapor de água, o calor, a electricidade, os raios infra-vermelhos, são invisíveis.

A comparação de William Crookes, acêrca da provável ligação entre os fenómenos do universo, demonstra bem a pobreza dos nossos sentidos físicos. Tanto a nossa vista, como o nosso ouvido, estão adaptados para receber movimentos vibratórios reduzidos, para aquêr e para além dos quais há muita vida a exercer-se em extarordinária potencialidade criadora.

Segundo o quadro de Crookes, o som mais baixo corresponde a 32 vibrações por segundo e o mais alto a 36.000. O diapasão normal (*lá*) corresponde a 435 vibrações por segundo.

Depois de 36.000, há uma região desconhecida, que vai até à região dos fenómenos eléctricos, correspondente a um bilião, setenta e três milhões, setecentos e quarenta e um mil, oitocentas e vinte e quatro vibrações por segundo. A seguir, uma nova região desconhecida, até atingir a da luz, compreendida entre 400 triliões (luz vermelha) e 756 triliões (luz violeta). Depois, vem nova zona desconhecida, que precede a dos raios X, cujas vibrações vão de

288.230.376.151.711.744

a

2.305.843.009.213.693.952.

A seguir, nova região desconhecida...

¿Quem pode traçar limites ao conhecimento? Tudo o que sabemos, é relativo. Por isso, quando negarmos, devemos ser cautelosos e prudentes.

É preciso desconfiar dos nossos sentidos, que nos enganam a cada passo.

Ouçamos Flammarion :

— Vemos o sol, a lua e as estrêlas a girar em torno de nós: é falso. Sentimos a terra imóvel: é falso. Vemos o sol erguer-se acima do horizonte: êle está abaixo do horizonte. Tocamos corpos sólidos: não há corpos sólidos. Ouvimos sons harmoniosos: o ar não transporta mais do que ondas silenciosas. Admiramos os efeitos da luz e das côres que fazem viver aos nossos olhos o belo espectáculo da natureza: em realidade, nem há luz, nem côres, mas sômente movimentos etéreos, obscuros, que, influenciando o nosso nervo óptico, nos dão as sensações luminosas. Queimamos um pé no lume: é no cérebro que reside a sensação da queimadura. Falamos de calor e de frio: no universo não há calor nem frio, mas só movimento. Como se vê, os nossos sentidos enganam-nos, acêrca da realidade. Sensação e realidade são coisas diferentes.

O magnetismo e a electricidade, são, igualmente, forças invisíveis, que ninguém definiu ainda.

Preguntai a um sábio porque é que o pau de lacre friccionado atrai o papel. Não saberá responder. A ciência apenas tem classificado efeitos e deduzido leis transitórias.

— Nem a cabeça mais genial que a humanidade tenha conhecido, jámais compreendeu o mais simples fenómeno físico, — diz o Dr. Alberto Seabra.

Na verdade, o invisível é a base da Física. Invisível é o éter, o átomo, o electrão, e só os seus efeitos são levemente apreendidos. Quanto ao resto, tudo é nebuloso, incompreensível. O papel da ciência é *prever*, pelo conhecimento das relações constantes entre os fenómenos. Mas, daí a negar certos fenómenos, lá porque ainda não foram enquadrados nas leis conhecidas, vai enorme distância, que nenhum estudioso de bom senso se atreveria, levianamente, a franquear.

¿Porquê, pois, semelhante reserva ante factos analisados e comprovados por homens eminentes, como Crookes, Wallace, Richet e Carrel?

¿Havemos de deitar abaixo a Física, só porque apareceu hoje um fenómeno inexplicável? Tôdas as forças que existiam continuam a existir. Nem por isso foram derrogadas.

A miopia intelectual é de todos os tempos e já Lemierre dizia que há muitos indivíduos que tomam o seu horizonte pelos limites do mundo.

Assim parece. Contam-se às centenas os casos típicos de *sábios* que blasonaram dos progressos obtidos por incansáveis investigadores. Damos alguns exemplos, que correm mundo nas obras de outros sábios, invulneráveis ao preconceito. Veremos certas almas cândidas negarem terminantemente o *inverossímil*, o *inexplicável*, o *inhabitual*, como se alguma coisa compreendessem dos segredos do universo, semelhantes a dois peixes que se pusessem a discreitar a respeito da composição atômica do chumbo.

Sabe-se que Ptolomeu classificou de *ridícula* a teoria do movimento da terra e que Anaxágoras foi perseguido por ensinar que o sol era maior do que o Peloponeso.

Quando Du Moncet, em 1878, apresentou o fonógrafo de Edison à Academia das Ciências de Paris, um tal Bouillaud, saturado de cultura antiquada, precipitou-se sobre o representante do inventor americano e gritou, agarrando-o pelo pescoço:

— ¡Miserável! ¡Não seremos ludibriados por um ventríloquo!...

Seis meses depois, o mesmo Bouillaud declarava que, após maduro exame, apenas notara um caso de simples ventríloquia, pois «não se podia admitir que um vil metal pudesse substituir o nobre aparelho de fonação humana». Para este conspícuo acadêmico, o fonógrafo era pura *ilusão acústica*.

A decomposição do ar, devida a Lavoisier, assombrou muitos sábios equilibrados, a principiar no químico Baumé, que se revoltou contra o novo processo de análise, estribado em que «os elementos ou princípios dos corpos têm sido reconhecidos e confirmados pelos físicos de todos os tempos».

Mas o próprio Lavoisier, no relatório que apresentou à Academia, acerca da queda dos aerólitos, declarou, rotundamente, que não podiam cair pedras do céu:

— ¡Se não há pedras no céu, como quereis que elas caiam na terra?

Pois a Academia pôs-se ao lado de Lavoisier e os pobres meteoros tiveram que cair

sem licença da douda agremiação, o que podia transformar-se em caso sério...

Os peripatéticos do tempo de Galileu afirmavam que o sol não podia ter manchas e a Academia de Paris negou a existência da faísca eléctrica. Galvani foi apodado de mestre de dança de rãs, quer pelos sábios, quer pelos ignorantes. Contudo, sabia que tinha descoberto uma grande força da natureza.

Harvey teve a mesma sorte, com a descoberta da circulação do sangue. E Jouffroy e Fulton não foram afortunados com a invenção que tornou possível a aplicação do vapor à navegação.

Com os caminhos de ferro, deu-se caso idêntico. Engenheiros houve que pretendiam demonstrar que as locomotivas rodariam sempre no mesmo lugar. Arago chamou a tal meio de locomoção «essa loucura do conhecimento» e disse que «dois trilhos de ferro paralelos não dariam fase nova aos brejos da Gasconha».

Thiers também os motejou e Proudhon declarou, enfaticamente, «ser opinião banal e ridícula pretender que os caminhos de ferro pudessem servir à circulação das ideias».

O grande físico Babinet, do Instituto de França, negou a eficácia do cabo submarino transatlântico.

— O único meio de ligar a Europa à América — dizia — é franquear o estreito de Bearring, a não ser que se queira passar pelas ilhas Féroe, pela Islândia, pela Groenlândia ou pelo Labrador».

Thomaz Young, um dos autores da teoria ondulatória da luz (o outro é Fresnel), foi ridicularizado por lord Brougham e a Sociedade Real de Londres recebeu com explosões de hilaridade o relatório de Franklin, acerca do pára-raios.

Augusto Comte, introdutor da filosofia positivista e fundador da escola moderna, limitava a astronomia à ciência do seu tempo. Por isso, escreveu:

— Concebo a possibilidade de estudar a forma dos astros, suas distâncias e movimentos; mas nunca poderemos conhecer a sua composição química.

Pois, em 1862, cinco anos após a sua morte, surgia a análise espectral que permitia conhecer a composição química dos astros e classificava as estrelas, segundo a sua natureza química...

A guerra ao invisível

As utopias de ontem são possibilidades de hoje e serão realidades de amanhã.

Há fenómenos físicos que parecem estar fora de tôdas as leis e nem por isso os sábios os desprezam.

Eis o que escreve Flammarion, a respeito dos fenómenos do raio :

— «Aqui, por exemplo, o raio bate numa pessoa que se inflama, como um braçado de palha ; ali, reduz mãos a cinzas, deixando as luvas intactas ; solda os elos duma corrente de ferro, como nò fogo duma forja e ao lado mata o caçador, sem fazer disparar a arma que êle trazia consigo. Funde um brinco sem queimar a pele, despe alguém sem lhe fazer o menor dano, ou, então, contenta-se em lhe tirar o calçado ou o chapéu ; fotografa no peito duma criança o ninho que ela tirava da árvore fulminada ; doura as moedas de prata duma carteira de metal, galvanizando-a, inteiramente, sem que o seu possuidor seja atacado ; desfaz, num instante, um muro de dois metros ou cai em castelo secular ou paiol de pólvora, sem causar explosão».

¿ Já viram maior capricho das leis físico-químicas ? E, no entanto, êste fenómeno tem preocupado inúmeros sábios, desde Franklin a Oliver Lodge, sem que o relegassem ao plano das fantasmagorias, indignas de figurar nos trabalhos de laboratório.

* * *

Não há razão para tanta guerra ao invisível.

Como se vê, a ciência conhece efeitos, não causas. Às vezes, parece firmar-se em rocha inamovível ; a rocha, porém, rápido se muda em gelo que o calor dissolve. E lá se vai por água abaixo a esperança, que levou anos e anos a alimentar. Consagra-se, agora, uma verdade científica ; a-final, daí a pouco, verifica-se ter sido mera aparência, puro simulacro.

E neste ritmo avançam as ciências, quando pretendem remontar às causas.

O verdadeiro sábio não deve ser dogmático. Mais vale duvidar daquilo que se estuda, do que negar o que se não compreende.

Haeckel fêz mais do que isso. Negou sem estudar, Julgando impor-se ao mundo culto,

atraiu o ridículo. Haeckel tinha medo do Espiritismo e por isso o combateu, com extrema violência. Não o estudou : combateu-o. Eis tudo.

O resultado é evidente. Sábio que combate o que não estudou ou estudou mal, é pseudo-sábio, é charlatão. Se Haeckel tivesse estudado a lição, quando se referiu à nossa doutrina, não teria dado tamanho estenderête.

— «Os fisiologistas — diz Carl du Prel — são, mesmo, obrigados a pensar que, por mais incrível que seja um fenómeno, há de, forçosamente, basear-se numa lei da natureza, porque têm o dever de ser francos inimigos do milagre. Por isso, se os fisiologistas tomassem a sério a sua missão, seriam os mais assíduos freqüentadores das sessões espíritas, porque, justamente por não serem milagres, os factos que lá se observam devem ser produto de física desconhecida. Tais sessões deviam interessá-los no mais alto grau; nelas poderiam estudar numerosíssimos fenómenos que lhes enriqueceriam os conhecimentos, ampliando-lhes os designios científicos. O fisiologista que deixa de freqüentar tais sessões tapa o caminho, em seu próprio domínio.

«Os factos são tanto mais instrutivos, quanto menos quadram às nossas teorias. O Espiritismo, êsse, é que não cabe nelas — razão de sobra para estudá-lo. É erro temê-lo. Não é o sobrenatural que êle contém, mas o transcendente. Não encontraremos nele milagre algum, mas apenas causalidade desconhecida. Nada de misticismo, mas tão somente o inexplorado. Nada de metafísico, mas simplesmente metafísica».

Sem dúvida. Êles deviam ser os primeiros a freqüentar os nossos trabalhos práticos, a analisar os nossos métodos, a estudar os médiuns e os fenómenos psíquicos. Estou certo de que prestes rectificariam suas opiniões, como sucedeu aos sábios, a quem Haeckel atribuiu imaginação exaltada...

¡ Exaltados Richet, Crookes, Wallace, Lombroso e de Rochas !... ¡ Exaltados estes homens, que iniciaram o estudo dos fenómenos, mergulhados em cepticismo !... ¡ É ter em demasiada conta o senso próprio, para assim julgar o senso dos outros !... Faz lembrar a frase de Lemierre, a que há pouco fizemos referência.

Para Haeckel e seus acólitos, todos os nossos trabalhos e as nossas conclusões repousam em hipóteses. Não é verdade. Mas,

ainda que o fôsse, não faríamos mais do que seguir o método materialista, quando estuda e define os átomos, cuja teoria é pura hipótese.

! A ciência sabe lá o que é um átomo !...
! Quem já o mediu ou pesou ? ! Quem já o lobbrou, sequer ?...

Neste ponto, tôdas as deduções materialistas são, inteiramente, subjectivas, com menos verosimilhança do que as conclusões a que levam os fenómenos psíquicos.

O que ficou exposto demonstra que matéria e espírito são coisas independentes, que o cérebro não segrega o pensamento, como afirmaram e afirmam muitos sábios materialistas, e que o mundo visível é minúscula partícula do Universo.

Falta-nos, contudo, provar que o espírito sobrevive à desagregação da matéria e que o mundo psíquico deve observar-se com *aparelhagem* diferente da que exigem as experiências biológicas.

É o que tentarei fazer no próximo artigo, ciente de que só o Espiritismo científico consegue levantar uma ponta do véu que separa os dois mundos. Será sério golpe vibrado no materialismo, que tem seus dias contados, que não corromperá outra geração, que não mais desmoralizará a mocidade que desponta, como promessa radiosa, tão necessária ao progresso do mundo.

Veremos onde fica a ciência clássica e onde começa a física transcendental, cheia de fenómenos, cuja bizarria iguala, senão ultrapassa, o maravilhoso efeito do raio. Veremos quão grande é o campo, onde o chamado *sexto sentido* exerce a sua estranha actividade, apreendendo as vibrações do ignoto, que nos dão a certeza da continuação da vida, após a morte do corpo, e da comunicação entre os *mortos* da terra e os *vivos* do Espaço.

É necessário alargar o âmbito das concepções humanas e nada aceitar que não tenha passado pelo cadinho da razão. Por outro lado, não devemos levar o rigorismo ao ponto de exigir que tudo seja explicado, antes de ser admitido. Lembremo-nos da advertência de Shakespeare, no primeiro acto do «Hamlet» :

*There are more things in heaven and earth,
Horatio,
Than are dreams in your philosophy.*

Desencarnou Oliver Lodge

O Espiritismo acaba de perder um dos seus maiores pioneiros : Oliver Lodge, o eminente cientista, fundador da física moderna e autor de obras admiráveis, em que o fulgor do seu talento se espalha, pleno de luminosas florescências.

Desencarnou em 22 de Agosto último, na idade de 89 anos, sem que a lucidez o abandonasse. Durante trinta anos, os últimos trinta anos da sua existência terrena, escreveu inúmeros trabalhos de reforço às suas ideias espiritas. Podemos, mesmo, dizer que se entregou, quasi exclusivamente, ao estudo científico das manifestações psíquicas, enfrentando, com o peso da sua enorme autoridade intelectual, a crítica ignorante travestida de sábia.

A morte de seu filho Raimundo foi a causa da sua conversão ao Espiritismo, o que não quer dizer que, antes disso, muito antes ainda, não tivesse estudado e meditado e experimentado.

«Raimundo, ou a Vida e a Morte», é a profissão de fé de um sábio que despreza preconceitos e afirma desassombradamente a sua inabalável convicção. Os diálogos entre o cientista chumbado à matéria e o espírito dum filho querido que se librara às regiões siderais, são qualquer coisa de impressionante que os mais cépticos e renitentes não podem ler, sem vacilar.

É-nos impossível, nesta breve notícia, redigida à última hora, fazer o necrológico dum homem extraordinário que prestigiou a ciência e engrandeceu a humanidade, refugiado sempre em modéstia incomparável. A nossa homenagem será feita brevemente, nestas colunas, e ver-se-á, então, a que alturas ascendeu este «varão assinalado».

Sir Oliver Lodge nasceu a 12 de Junho de 1851, em Pentkull, Staffordshire e cursou a *Grammar School* de Newport e o *University College*, de Londres. Além de muitas obras científicas, consagradas em todo o mundo, escreveu a «Evolução Biológica e Espiritual do Homem», «Porque creio na Imortalidade Pessoal», «A Realidade do Mundo Espiritual», etc., etc.

Em 1891, foi eleito presidente da Secção de Matemática e Física da British Association e sete anos mais tarde era condecorado com a medalha Rumford da Royal Society. Em 1900 assumiu a presidência da Sociedade Física de Londres e, de 1901 a 1904, dirigiu a Sociedade de Investigações Psíquicas. Em 1903 exerceu o magistério na Universidade de Oxford. Em 1914 era presidente da British Association e em 1919 condecorado com a medalha da Royal Society of Arts. Feito cavaleiro em 1902, por Eduardo VII, recebeu o grau de doutor em ciências por sete universidades : Oxford, Cambridge, Toronto, Vitória, Liverpool, Sheffield e Adelaide. Além disso, era doutor em leis pelas quatro universidades escocesas.

Eis, em breve síntese, quem foi o paladino que acaba de desencarnar, em demanda do plano espiritual.

Estudos Psíquicos curva-se reverente ante a memória de Sir Oliver Lodge e faz votos para que o seu luminoso espírito continue a interessar-se pelo nosso movimento. Se ele quiser, muito poderá fazer em prol da causa espirita mundial, de que foi extremo e convicto defensor.

MILAGRES

pelo Coronel Faure da Rosa

O homem, desde que adquiriu a noção do divino, habituou-se a apelar para o milagre, pelo menos nos transe mais angustiosos. E tal noção deve o homem tê-la adquirido logo que pôde e soube usar do raciocínio. Faça-se o que se fizer, jámais será possível arrancar-lha do coração.

Ter relações com a divindade, interrogá-la, pedir-lhe directamente conselhos e mercês, foi sempre o sonho de todos os tempos e em todos os países.

Os índios da América interrogavam o «Grande Espírito» ou as almas dos desencarnados por intermédio dos seus feiticeiros. A mitologia grega abunda em histórias maravilhosas onde os vários deuses se manifestavam aos mortais e guiavam os seus heróis. Em Delfos, Apolo aparecia a Pítia e revelava-lhe o futuro. Em Epidauro os sacerdotes e até certos doentes, viam Esculápio que lhes indicava tratamentos apropriados. Sócrates tinha o seu «daimon» (divindade, génio) com o qual conversava e discutia os próprios problemas metafísicos.

No Velho Testamento, Jeová dirige o seu povo por intermédio dos patriarcas e dos profetas judeus, a quem aparecia com frequência e dava instruções. O Cristianismo também teve os seus videntes. Sem remontar a S. Paulo, que recebia revelações directas do Cristo, rara é a página da História Sagrada em que não se encontrem nomes de santos favorecidos com aparições divinas.

Diga-se, de passagem, que não era só o bom Deus que aparecia. O deus do mal também se mostrava e não poucas vezes. Durante longos anos, parece que o diabo teve grande prazer em intervir na conduta dos homens. Eram aos milhares os feiticeiros de ambos os sexos que mantinham relações com Satanaz e os seus ajudantes e que pagaram com a vida — quasi sempre na fogueira — este comércio proibido. Os próprios exorcistas discutiam com os demónios por intermédio dos possesores. A chama das fogueiras tornou Satanaz tão popular que Gustave Le Bon dizia, com a sua costumada ironia, que o «diabo era a personagem cuja existência estava mais bem demonstrada».

Deus, a Virgem e os Santos, apareciam e ainda hoje aparecem a algumas pessoas piedosas. Estas pessoas eram e são, em regra, jovens pastores dos dois sexos, como os de La Salette, em França; os de Fátima, em Portugal; os de Ezquioga, em Espanha;

os de Beauring, na Bélgica. Todos eles viram a Virgem e de Ela receberam a confidência de certo segredo... semelhante na idea, diferente, apenas, na forma.

Joana d'Arc, uma das mais célebres heroínas de todos os tempos, conversava com S. Miguel, Santa Margarida e Santa Catarina. A religiosa Maria Alacoque teve a visão do Cristo. A famosa estigmatizada Catarina Emerick foi favorecida com numerosas aparições de Deus e de Santos. Santa Tereza de Ávila — mulher excepcionalmente superior — notabilizou-se não só pela sua invulgar inteligência organizadora, mas também e sobretudo, pelas suas visões, pelos seus êxtases.

Por volta do ano de 1500, a Virgem apareceu a uma pastora, chamada Anglése de Sagasen, no vale de Garaison. Muito mais próximo da nossa era, em Pellevoisin, deu-se nova aparição da Virgem que aconselhou o uso do escapulário. Uma das mais celebradas estigmatizadas, Luiza Lateau, também teve visões celestes.

Lourdes e as visões de Bernadette adquiriram reputação mundial; o mesmo está acontecendo, desde há anos, com Fátima e as visões de Lúcia.

Em França a grande maioria dos católicos tem particular fervor pela Senhora de la Salette; semelhantemente, os católicos de Portugal o ostentam por Nossa Senhora de Fátima, como os de Espanha o manifestam pela «Virgem dolorosa» de Ezquioga, e os da Bélgica não se guardam de o mostrar pela «Virgem Imaculada», aparecida em Beauring...

Cronologicamente assinalam-se as seguintes prodigiosas aparições da Virgem:

- 1 — 11 de Fevereiro de 1858, em França (Lourdes), à pastora Bernadette, de 14 anos de idade.
- 2 — 13 de Maio de 1917, à pastora Lúcia de Jesus, de 10 anos, em Portugal (Fátima).
- 3 — 3 de Junho de 1931, a dois pastores, irmãos, António e André, de 11 e 7 anos, respectivamente, em Espanha (Ezquioga).
- 4 — 29 de Novembro de 1932, produziu-se a mais recente das aparições da Virgem, em Beauring (Bélgica), desta vez a cinco pastores do sexo feminino; Gilberte Degeimbre (9 anos), Andréa (14 anos), Gilberte Voisin (13 anos e meio), Fernande (15 anos e meio), e um do sexo masculino, — Alberto, de 11 anos.

Nota-se que a preferência das aparições cabe a jovens pastores de ambos os sexos — com preponderância do feminino — os quais, segundo os crentes declaram, possuem uma alma pura e desinteressada, — explicação que não é nada abonatória das outras profissões. Os cépticos, porém, aproveitando-se da ingenuidade da explicação, dizem que é por os pastores serem incultos e destituídos de todo o senso crítico.

Como a prioridade pertence a Lourdes, na França, cujas curas maravilhosas tiveram brado mundial, o vulgo a tóda chama «Lourdes»: a Lourdes própria-mente dita, em França; a Lourdes Portuguesa, em Fátima; a Lourdes Espanhola, em Ezquioga, e a Lourdes Belga, em Beauring.

* * *

Zola, no seu livro «Lourdes» apresenta Bernadette Soubirons, a pastora de Lourdes, como rapariga de «simplicidade natural... desejosa de se apagar».

No livro «Fátima» de Antero de Figueiredo, diz-se: «aquele seu modo, muito seu, natural, calmo e simples». Espíritos irmanados na objectivação de ideias, quem sabe se o espírito de Bernadette não teria revivido em Lúcia!

Procissão das velas em Lourdes, procissão das velas em Fátima. Da enormidade da frequência, em Lourdes, diz Zola: «Corpos em pilha, odor espesso e angustiado das respirações e das transpirações; aglomeração extraordinária... Havia ali uma promiscuidade sem nome: homens e mulheres deitados de misturada, atirados ao acaso, uns próximos dos outros, na balbúrdia do cansaço, que os esmagava, de bôca aberta, aniquilados...».

A semelhança com Fátima é flagrante. É Antero de Figueiredo quem a denuncia: «No ar espesso de tantos bafos e emanações sujas, corta-se à faca o cheiro morno de curral, e os corpos tresandam ao ressoar do parmesão dos pés transpirados... Na casta promiscuidade de muitos corpos de homens e de mulheres que dormem de encontro uns aos outros...»

Mais adiante, diz Zola: «A' meia noite em ponto começavam as missas que só terminavam ao meio dia...».

O mesmo acontece em Fátima: «Não param as missas, não param as confissões, não param as comunhões» (Antero de Figueiredo).

Bernadette de Soubirons, oito anos depois das aparições — em 1866 — contando, portanto, vinte e dois anos de idade, entra para o convento de S. Gildard, em Nevers, onde veio a ser Soror Maria Bernard, das irmãs de caridade de Nevers.

Lúcia de Jesus, em 1925, oito anos depois, também, — apenas com dezoito anos — entra no Instituto das Irmãs de Santa Dorotéa, em Tuy (Galiza). Mais tarde vem a ser a Irmã Dolores.

E. Pascal escreve: «Sem falar de Lourdes e das suas curas milagrosas, Fátima, em Portugal, atrai numerosas multidões... Fátima possui uma superioridade sobre Lourdes: durante as aparições, o céu apresentava sinais. Muitos dos assistentes viram o sol girar sobre si mesmo e obscurecer... As curas que se produzem em Fátima são tão numerosas que, à semelhança de Lourdes, funciona ali uma repartição de verificações, a qual publica notáveis descrições dos milagres. A Igreja mostra-se favorável. O Bispo da diocese declara que os feitos de Fátima são dignos de fé. O Papa concede indulgências aos peregrinos⁽¹⁾».

Em Ezquioga (Espanha) o mesmo esplêndido resultado de assistência colossal e de curas milagrosas. Nos anos de 1932 e 1933 não era raro ver um peregrino passar da oração ao êxtase, durante o qual descrevia visões maravilhosas. Conta-se que um homem moço e robusto, Francisco Goicoechea, caiu bruscamente numa espécie de letargia, durante a qual viu a Virgem e diversos santos. Um motorista de taxis, J. Rodríguez, que conduzia turistas a Ezquioga e pelo caminho ia trocando dos peregrinos, recusou-se a subir ao lugar das aparições. Certo dia, porém, uns camaradas obrigaram-no a ir lá. Assim que chegou, caiu numa crise, a gritar que via a Madona. Um fotógrafo, também céptico, foi agitado por violentas convulsões em circunstâncias idênticas. Estas agitações foram rareando de mais em mais. Meses antes de deflagrar a guerra civil, o que mais se observava era o êxtase calmo e profundo.

E. Pascal descreve um destes êxtases: «Evarista, jovem de dezóito anos, tem um rosto simpático, agradável. Dão-lhe lugar no estrado. De joelhos, como os outros videntes, Evarista reza com fervor. Ao cabo de alguns minutos entra em êxtase: olhos revirados, rigidez cataléptica, insensibilidade. Pouco a pouco, o rosto ilumina-se-lhe. Sorri. Parece embevecida diante dum espectáculo maravilhoso. Durante uma meia hora a fisionomia reflecte expressões de grandiosa beleza. A beatitude, a alegria, o contentamento, a piedade... Cada atitude, por sua vez, exprime-a com intensidade indizível. Sem exagero, Evarista, assim, lembrava Santa Terêsa em êxtase, como se vê em Roma na igreja de Santa Maria. Se esta jovem simula, há que confessar que é uma perfeita actriz. Seria um belo quadro, aquele em que um pintor a reproduzisse em

(1) De Montelo: *Les grandes merveilles de Fatima*.

êxtase... As fotografias dão uma fraca idea da intensidade e da beleza das expressões da extática».

Bernadette, em Lourdes, durante as suas visões, também se transfigurava. Tanto em Lourdes como em Ezquioga, muitos incrêus se converteram perante os êxtases sublimes de Bernadette e Evarista.

Ezquioga possui o que não há em Lourdes nem em Fátima: uma estigmatizada, Ramona Olazabal, uma linda rapariga, com 16 anos (em 1933), duma beleza rara. Ramona responde gentilmente às perguntas que lhe fazem e não opõe a menor dificuldade em mostrar a palma das mãos, onde — em cada uma delas — há uma cicatriz rosada de forma triangular. A pele que as cobre é transparente e muito fina. As feridas, mais ou menos, mantêm-se no mesmo estado. O exame mais minucioso e atento não descobre o menor indício de simulação. O caso passou-se assim: Ramona, num dos seus primeiros êxtases, teve nova visão da Virgem que, dessa vez, segurava duas espadas e lhe disse que para dar uma prova retumbante da sua presença ia trespassar-lhe as mãos. Efectivamente, duas feridas apareceram, de súbito, e o sangue correu. Muitas pessoas assistiram a êste milagre.

* * *

O dr. Maistrioux publicou um opúsculo com o título «¿Uma Lourdes Belga?... As aparições de Beauring». A Lourdes belga, porém, apresenta-se muitíssimo mais modesta: nem generalização de videntes, nem estigmatizadas, nem curas milagrosas. Isto não obsta a que a multidão acorra pressurosa para contemplar as crianças que «vêm».

Chegam a juntar-se mais de vinte e cinco mil pessoas, o que origina um esplêndido negócio para vendedores ambulantes, automóveis, caminhetas e outros meios de transporte e... de comércio.

* * *

Bernadette, que, durante as suas visões em Lourdes, conversava com os companheiros, contava, entre outras histórias, a que se referia a um escrivão da localidade que queria ver o diabo e a quem uma bruxa levava a um campo deserto, em sexta-feira santa, à meia noite. A história é curiosa.

«O diabo chegava, magnificamente vestido de encarnado. Sem tir-te nem guarte, propunha ao escrivão que lhe vendesse a alma, o que êste fingia aceitar. O diabo trazia debaixo do braço o registo em que haviam assinado as pessoas da cidade que já se tinham vendido. Mas o escrivão, malicioso, tirara do bolso uma pretensa garrafa de tinta de escrever — que não passava de uma garrafa de água benta — e

aspergia o diabo, que soltava gritos horríveis, enquanto o outro desatava a fugir levando consigo o registo. Então começava uma corrida louca, que durava a noite inteira, por montes e vales, através das florestas e das torrentes. «¿Dá-me cá o registo!» — «¿Não; não o tornarás a ver!» E isto recomeçava e não acabava nunca: «¿Dá-me cá o registo!» O escrivão, por fim, que lá tinha a sua idea, já sem fôlego, prestes a sucumbir, atirava-se para dentro do cemitério, onde o terreno era bento e donde fazia negaças ao diabo, agitando o registo, salvando, dêste modo, as almas de todos os desgraçados inscritos e assinados».

¿A puerilidade da história, serve, talvez, para mostrar como um escrivão consegue vigiar o diabo!

* * *

A-final, ¿há milagres?... ¿Não há milagres?...

Tudo depende do significado que se quiser atribuir ao vocábulo «milagre». Se por milagre se entender que é «um facto sobrenatural, contrário às leis da natureza», eu estou convencido de que não milagres.

Mas, se lhe dermos a verdadeira significação, isto é, se entendermos que «milagre» não é mais que um efeito cuja causa escapa à razão humana, os milagres existem e encontramos-os a cada passo.

Bernard Shaw, grande cronista e cultor sistemático da maledicência, escreve acêrca de «milagres» em *Androclès et le Lion*: «Há tantas provas de terem sido feitos milagres como as há de se ter efetuado a batalha de Waterloo. Os motivos que levam a acreditar no assassinio de Pompeu são os mesmos que levam a crer na ressurreição de Lázaro. Ambos os factos foram acreditados e postos em dúvida por homens de igual inteligência. Por todos os lados topamos com milagres se se entender por milagre todo o fenómeno que não se consegue explicar. A própria vida é o milagre dos milagres. Se se entender por «milagre» o acontecimento que interrompe o curso normal da nossa experiência, milagres se realizam todos os dias. A Igreja florescente do Cristo Cientista é fundada numa multidão dêsses milagres. Ninguém acredita em todos os milagres: mas toda a gente acredita em alguns».

Sim. Mesmo o mais convicto ateu, em momentos de angústia diante da inanidade humana para salvar o filho condenado por doença mortal, ¿quantas vezes não será assaltado pela idéa do milagre salvador!...

¿Quantas e quantas curas se operam todos os dias pela simples aposição das mãos!... Milagres?...

A ciência oficial certifica a existência de curas reputadas milagrosas e contenta-se em enquadrá-las na *psicoterapia*, na *sugestão*.

Mas, não basta dizer: é *sugestão*. É necessário explicar como é que uma idéa pode transformar-se

ESPIRITOFOBIA PROTESTANTE

pelo Dr. Sebastião Elviro Martins

I

○ escritor inglês Coulson Kernahan, depois de assistir a uma única sessão espírita, publicou um opúsculo, traduzido em português com o título sugestivo *«Espiritismo — uma experiência pessoal e um aviso»*, e que, a acreditar na advertência do tradutor, obteve em Inglaterra um notável êxito de livreria. Compõe-se de sete capítulos, e todos êles, como era de esperar, formam um conjunto de objurgatórias contra o Espiritismo moderno.

O facto do seu autor ser anti-espírita não nos admira, por ser protestante, mas o que nos fere é o amontoado de inexactidões acêrca das origens, métodos e finalidades do Espiritismo que êle endossa a esta doutrina, com a maior sem-cerimónia e falta de provas científicas em que esconde as suas asserções.

São pois essas afirmações levianas e indocumentadas que nós, à boa paz, vamos procurar refutar, dentro das boas normas da tolerância e da caridade cristãs para com os nossos adversários.

Não nos move qualquer animosidade contra a religião cristã reformada por Lutero, Calvino e Zwinglio. Pelo contrário, a ela deve a Europa o livre exame e o advento do racionalismo demolidor dos dogmas ortodoxos esterilizantes. A expansão da Bíblia em mais de 600 linguas e dialetos, assim como o seu preço insignificante, deve-se ao esforço desinteressado das Sociedades Bíblicas, com sede nas principais cidades do mundo.

em acção no sistema vegetativo. Também a certas doenças nervosas, sobretudo em mulheres, chamam «histerismo». A tal respeito, dizia Richet que chamar «histerismo» a uma coisa não é explicar a coisa.

Corrigenda — No meu artigo *«Infantilismo psíquico»* a páginas 170, 1.^a coluna, 20.^a linha, saiu *aprender*, por *apreender*.

Há porém uma mutilação na 2.^a coluna da mesma página, 38.^a linha: «...só aludem a casos falhados ou sem êle...». O que deve ser, é isto: «...só aludem a casos falhados ou a fraudes e trapaças, com propósito ou sem êle...». A composição saltou uma linha, e a revisão... também saltou.

De tôdas as igrejas cristãs, a que mais se aproxima dos nossos postulados, quanto à profligação das afirmações anti-científicas de Roma, é de facto a protestante.

Na Inglaterra, muitos sacerdotes das várias igrejas conhecem e praticam o Espiritismo, sem contudo abdicarem das suas crenças antigas.

No decorrer desta série de artigos que nos propomos escrever sobre este magno assunto, verão os nossos leitores como o Espiritismo é encarado na velha Albion.

Entretanto, há ainda um grande número de corifeus protestantes que, ou por ignorância, ou por má fé, ou por ideias preconcebidas, consideram a Terceira Revelação como peste espiritual, cujo contágio é preciso evitar a todo o transe. Essa atitude compreende-se, quando se façam afirmações categóricas e se provem com factos e argumentos irresponsáveis e incontrovertíveis. Mas não é assim que Mr. Kernahan faz no opúsculo a que se fez referência. Nos seus sete magnos capítulos não há uma citação bibliográfica; não se lê nenhum documento comprovativo dos seus pontos de vista; não analisa os factos espíritas baseados nos fenómenos transcendentais, atestados por homens eminentes e conscienciosos; não os compara nem pesa conscientemente sob o aspecto filosófico ou experimental. Emfim, assistiu a uma sessão e daí tirou tôdas as ilações. Depois desta única experiência chegou a este raciocínio concludente: *«O Espiritismo é uma fraude; o Espiritismo é anti cristão; o Espiritismo deshonra o Altíssimo perante o mundo inteiro!»*

São estes aleives, postos a correr mundo, que nós, espíritas, partidários da verdade e coerentes com os princípios cristãos, não devemos deixar passar em julgado.

A nossa doutrina, desde Allan Kardec, seu codificador, tem sido objecto de críticas violentas, mas também em toda a parte há quem revide essas diatribes, reduzindo ao silêncio os nossos opositores, com a argumentação serena que lhes fornece a eloquência dos factos indiscutíveis. Não obstante estes tropeços, o Espiritismo sai sempre vencedor e os adeptos vão engrossando as nossas fileiras.

A-pesar-de ainda não contar um século de existência, os seus componentes contam-se por milhões em

todo o mundo. Qual será o seu segrêdo expansionista? Será obra de Satanás? É o que vamos ver, ao refutar as afirmações de Mr. Kernahan.

* * *

«Estou convencido de que Deus, levado por altos motivos de sabedoria e amor aos homens, fechou à chave as portas que separam esta vida da outra».

É com estas palavras sentenciosas que Mr. Kernahan começa o primeiro capítulo do opúsculo em causa.

Segundo o seu modo de ver, o Espiritismo é uma ciência, ou antes, um embuste, que quer perscrutar os segredos eternos de Deus, e por isso deve ser anatematizado...

É sempre o mesmo processo, já desmascarado pelo Dr. Carlos Imbassahy, nos seus livros «O Espiritismo à luz dos factos» e «À margem do Espiritismo». Os nossos opositores, quer da cátedra, quer do púlpito, ilaqueados pelos princípios de seita, atacam e menosprezam os factos científicos da nossa doutrina, sem os conhecer e analisar à luz dum critério desapassionado.

Se o nosso antagonista protestante estudasse os documentos nos quais avultam os factos anímicos e espiritas, descritos por Crookes, Richet, Hodgson, Myers, Aksakof, Lombroso, Bozzano, Flammarion, Doyle, Lodge, Wallace e tantíssimos outros investigadores da Europa e da América, certamente ter-se-ia absterido de escrever o intróito supracitado.

Mas a sua asserção não é verdadeira. Se Deus tivesse fechado à chave as portas que separam esta vida da outra, nunca teria permitido a manifestação de tantos fenómenos, observados e controlados meticulosamente em todos os continentes, que levaram tantos cientistas de renome mundial a arrostarem com o sarcasmo dos inscientes e dos cépticos.

Podíamos aqui citar centenas de factos, que se tornaram clássicos pela evidência científica, relatados por pessoas que merecem toda a confiança nos seus respectivos países; mas como não dispomos de espaço nem tencionamos escrever um tratado sobre este magno assunto, registamos apenas estes dois, que são assaz eloquentes:

Sir Russell Wallace e os 33 membros da comissão nomeada pela Sociedade Dialética de Londres, para proceder a um estudo acurado do Espiritismo, eram quasi todos descrentes; pois bem; terminadas as experiências, todos se tinham convertido à nova doutrina...

¿Quem sabe se a Mr. Kernahan sucederia o mesmo?

O Dr. Hodgson, da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres, também era um descrente e, querendo desmascarar a médium Mrs. Piper, com quem investigou durante doze anos, nunca vislumbrou qualquer fraude nos seus trabalhos mediúnicos. Apesar-da sua relutância em abandonar as suas opiniões contrárias, não pôde deixar de aceitar a hipótese espirita, em virtude da veracidade se impôr ao seu raciocínio equilibrado.

Mas tanto Hodgson como Wallace não se limitaram a negar e apostrofar a nova ciência que despontava, não; desceram dos seus pedestrais de sábios consagrados e investigaram. Só depois de pacientes e aturadas pesquisas, durante longos anos, se pronunciaram perante os seus concidadãos. ¿É assim que procede a maioria dos nossos contraditores? Não. Por uma questão de comodismo ou preguiça mental limitam-se a negar o que desconhecem, só porque, tudo quanto possa obstar às suas conveniências e interesses deve ser excomungado e posto no Index...

* * *

«Nada há na palavra de Deus que proíba as investigações científicas. A religião lida directamente com assuntos de ordem espiritual; a ciência refere-se aos factos e leis do Universo físico».

Quanto ao primeiro periodo, estamos de acôrdo. Quanto ao segundo, depreendemos que o autor não quer que se confundam assuntos de ordem espiritual com os factos e leis do Universo físico. Deste modo há um compartimento estanque entre os dois princípios: espiritual e físico.

Ora como o Espiritismo cristão é uma ciência que se baseia na observação e na experiência, reconheceu-se que, no dizer de Ernest W. Oaten, director da revista *The Two Worlds*, «as leis que determinam o crescimento do corpo, não são necessariamente antagónicas às que determinam o crescimento da alma». Quere isto dizer que tanto as almas, como os corpos, como os mundos, estão sujeitos a uma lei universal chamada evolução. Essa lei, que hoje se mantém firme em todo o mundo científico, a-pesar-de contraditada pelas ortodoxias religiosas, foi confirmada e completada com o advento da Terceira Revelação.

Mas os corifeus protestantes, agarrados à casca da letra dos Evangelhos, não têm mais nada do que a autoridade para eles indiscutível desses textos, escritos para uma época tão remota, e que se não adaptam às modernas interpretações científicas. Se os lessem em espirito, como nós, chegariam a conclusões muito pró-

ximas das nossas. Para isso a Reforma do século XVI teria de se amoldar ao século XX...

Não obstante, os protestantes estão mais perto de nós que os católicos.

«O protestantismo — diz Léon Denis no seu livro «Cristianismo e Espiritismo», pág. 147 — o protestantismo, em seu culto e em suas prédicas, aproxima-se vantajosamente, é certo, da simplicidade e das concepções dos primeiros cristãos. Ele não despreza a razão, como faz o catolicismo, mas, ao contrário, respeita-a e apoia-se sobre ela. A sua moral é mais pura e a sua organização sem fausto e aparato. Suprime a hierarquia sacerdotal, o culto à Virgem e aos santos, as práticas fastidiosas, as longas orações, os rosários, os bentinhos, todo o arsenal pueril da devoção católica.

«Entretanto, por maior que seja a obra da Reforma do século XVI, ela não poderia satisfazer as necessidades actuais do pensamento. O Protestantismo conservou, da bagagem dogmática da Idade Média, muitas coisas inaceitáveis. A autoridade do Papa, preferiu ele a do livro; mas a Bíblia, interpretada mediante o livre exame, não pode ser considerada produto da inspiração divina».

É por causa desse véu, ainda muito denso, que os protestantes não se aproximam mais das novas correntes espiritualistas que, como guardas-avanzadas do progresso humano, investigam e profundam os porquês da Vida. E a-pesar da audácia e da curiosidade manifestadas por essas correntes, *Deus ainda não lhes fechou a porta à chave...*

* * *

«Se Lázaro — o irmão de Marta e Maria que Jesus ressuscitou—se Lázaro e o próprio Jesus ressuscitado, tivessem contado aos homens o que viram para além daquela porta, deveria existir algures qualquer memória das suas palavras a esse respeito. Mas de tal memória não há conhecimento. Sobre a vida futura, nem Deus revelado em Cristo, nem o único homem a quem foi concedido vislumbrar, pelo menos, um reflexo da vida do Além, disseram o que quere que seja. Poderá, então, um cristão sincero e convicto esperar que o Espiritismo o esclareça sobre assuntos de ordem espiritual a que Jesus e Lázaro não fizeram a menor referência?»

Eis o que Mr. Kernahan, no fim do primeiro

capítulo do opúsculo afirma com convicção inabalável. Consequências do véu...

Em primeiro lugar, devemos notar que o Espiritismo, coerente com os princípios científicos, não admite milagres, porque eles derogariam as leis naturais, eternas e imutáveis. É aqui que está o erro dos nossos contraditores dos vários sectores religiosos.

Lázaro não podia dizer nada da vida que vislumbrou, porque simplesmente estava em catálèpsia e não morto, quando o Cristo o *ressuscitou*. O mau cheiro, que a todos os que presenciaram a *ressurreição* parecia ter, era proveniente do mal de pele de que sofria. É isto o que nos diz João, o Evangelista, nas suas «Novas Elucidações do Quarto Evangelho», cap. XI.

Ouçamo-lo:

«Se Jesus tivesse querido, explicar-lhes-ia qual o motivo da *ressurreição*; mas teria também de elucidá-los sobre outros *mistérios* que eles não conheciam, e, o que é mais, não compreenderiam nem podiam suportar; o que se daria, porém, mais tarde quando se tivessem tirado dos arcanos da ciência os estudos e os factos do sonambulismo, magnetismo, etc., verdadeiros precursores da Revelação Espirita».

Este passo de João, obtido mediunicamente no Centro Espirita de Braga, esclarece-nos como este *milagre* foi possível...

Para compreender esta explicação é implicitamente necessário que se creia na comunhão dos vivos e dos mortos, e nós já nos esquecíamos de que a maioria dos protestantes repudia esse *embuste*... Seja como for; a razão e a lógica, indicam-nos a aceitar esta hipótese explicativa, porque ela se harmoniza com os conhecimentos científicos inerentes à tal comunhão...

Quanto à pergunta feita por Mr. Kernahan, remetemos os nossos leitores para o Evangelho de João, cap. XVIII, 33-36-37, onde, em resumo, Jesus afirma que «não nasceu e não veio a este mundo senão para dar testemunho da verdade».

Pela resposta que Jesus deu a Pilatos, compreende-se que ele se refere à *vida futura*, àquela em que todo o cristão crê forçosamente, mas que para muitos não passa de uma crença sem bases racionais e lógicas. Essas bases, quem as veio esclarecer pelos factos foi exactamente o Espiritismo moderno. Se Mr. Kernahan e os seus adeptos as estudassem, ficariam deslumbrados com a descoberta. Porém, o véu...

* * *

O Espiritismo tem inimigos em todos os sectores da grande colmeia, que se chama Sociedade. São os

materialistas, os agnósticos, os católicos, os protestantes... Por tôdas estas correntes laicas e religiosas ele tem sido combatido à *obtrance*. Não obstante, ele segue impávido a sua rota e cada vez engrossa mais as suas fileiras. ¿Porquê? Porque os princípios em que se apoia são racionais; mais do que isso: são divinos, porque tem atrás de si os mensageiros de Jesus, seus embaixadores.

Há portanto uma grande diferença, quanto à parte filosófica e experimental, entre ele e o Protestantismo. O Espiritismo é dinâmico; o Protestantismo é estático. O Espiritismo, surgindo depois do racionalismo, demonstrou que não há razão para que a ciência esteja divorciada de Deus. Por isso proclamou a ciência e a religião princípios convergentes e harmónicos, destinados a completarem-se e irmanarem-se para o bem e progresso da humanidade.

O Espiritismo, como ciência, investiga, observa e experimenta. Como não admite *dogmas* nem *milagres*, nunca disse a última palavra.

O Protestantismo extrai dos 66 livros da Bíblia tôda a fé de que se nutre, mas lê-os demasiadamente à letra. É esse o seu mal. No entanto, como a Igreja Reformada se compõe de variadíssimas seitas, algumas delas admitem já os princípios espiritualistas, e muitos bispos anglicanos, na Inglaterra, aconselham obras espiritas aos seus párocos.

Se os adeptos da religião reformada aceitaram os postulados espiritas, que são, na sua essência, a sobrevivência da personalidade humana após a morte física e a comunhão entre os habitantes do mundo visível e os do mundo invisível, a humanidade terá dado um grande passo no seu aperfeiçoamento moral.

Tudo parece encaminhar-se para esse fim. Quando o relatório da comissão nomeada pelo Arcebispo de Cantuária fôr publicado e aceite pelos seus sequazes, o Espiritismo transmutará a face do Mundo.

* * *

Vamos terminar as nossas primeiras considerações. Repetimos. Não queremos molestar os aderentes de qualquer religião, nem muito menos os protestantes.

«O homem tem tanta necessidade de uma crença, como de uma prática, como de um lar. É o que explica que formas religiosas, envelhecidas e caducas, conservem ainda os seus adeptos», diz Léon Denis no já citado livro «Cristianismo e Espiritismo».

Para se ganhar o céu não basta frequentar os templos das inúmeras religiões do mundo. É necessário que sigamos as pègadas do Cristo, naquilo que esteja ao nosso alcance em o imitar. Como diz Ernest W. Oaten, «qualquer crença pode ser justificada desde que apresente os frutos do carácter e da rectidão

Por êsse mundo...

— A Tenda Espirita Mirim, do Rio de Janeiro, está a construir a sua nova sede, onde já gastou 250 contos de reis. É tal o entusiasmo que reina nesta agremiação, que até os médiuns ali têm trabalhado aos domingos, removendo terras e fazendo outros serviços materiais de grande apêço. No próximo número, referir-nos-emos, pormenorizadamente, a este assunto.

— Na cidade brasileira de Campinas foi há meses realizada a *Campanha da Flanela*, promovida pela Associação Feminina Operárias do Bem, anexa à Associação Espirita Caminho da Verdade, com o objectivo nobilitante de preservar do frio os necessitados. Conseguiram obter 62 cobertores e 120 peças de flanela, com as quais fizeram agasalhos, por medida, indo no dia 31 de Maio último fazer a entrega, directamente, aos contemplados.

— Também a Casa dos Espiritistas do Brasil, com sede em S. Paulo, comemorou em 31 de Maio último o 1.º aniversário da sua fundação, em que falaram diversos oradores, sob a presidência do Dr. João Baptista Pereira, presidente da Sociedade Metapsíquica de S. Paulo. Foi filmada em todos os pormenores a interessante festividade, coisa que, pela primeira vez, se regista, nos anais do Espiritismo.

— A Liga Espirita «Greater World», de Londres, espalhou um manifesto, relatando seus fins e a declaração de fé dos associados.

Eis a declaração dos associados: 1.º Creio em Deus, que é Amor; 2.º Aceito a doutrina de Jesus-Cristo; 3.º Creio que Deus se manifesta através do ilimitado poder do Espírito Santo; 4.º Creio na sobrevivência da alma humana e na permanência de sua individualidade após a morte física; 5.º Creio na comunhão com Deus, com seus divinos mensageiros e com as almas que vivem em condições diferentes das da terra; 6.º Creio que todos os seres vivos, criados por Deus, são independentes e sujeitos à evolução; 7.º Creio na perfeita justiça das Leis Divinas, que governam a Vida; 8.º Creio que os pecados cometidos só podem ser expiados pelo próprio *pecador*, pelo poder redentor do Cristo, pelo arrependimento e pelo exercício da caridade; 9.º Esforçar-me-ei sempre por ser guiado nos meus pensamentos, palavras e obras, pelos ensinamentos e exemplos do Cristo. Esta Liga tem 585 centros filiados, com 23.000 sócios. Embora discordemos do n.º 8, que é reminiscência do protestantismo, publicamos esta notícia a título de curiosidade.

da justiça — o amor, a honra, a virtude e a generosidade».

Sendo assim, tôdas as religiões se justificam, visto tôdas serem reveladas e satisfazerem as inquietações espirituais dos seus crentes.

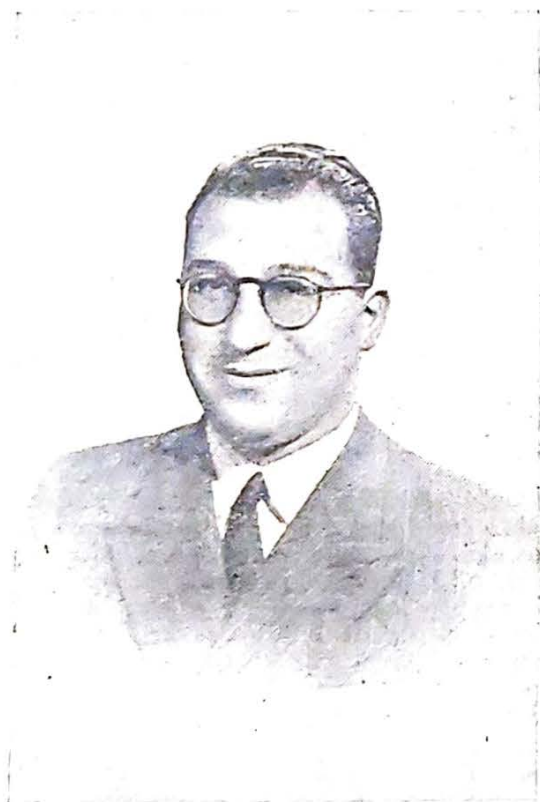
Segundo esta tese, que o Espiritismo respeita e segue, não nutrimos nenhuma má vontade por qualquer comunhão religiosa. Era essa atitude que nós gostaríamos de ver assumida pelos nossos contraditores da cátedra e do púlpito.

DEFESA DO VALOR HUMANO NA REALIDADE ESPIRITA

(Tradução de I. D. S.)

pelo Dr. Luiz M. di Cristóforo
Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» na Argentina

Prossequindo na sua missão de propaganda, *Estudos Psíquicos* alarga e selecciona cada vez mais o quadro dos seus colaboradores, a-fim-de levar o público a interessar-se pelas verdades que procuramos levar ao seu conhecimento.



DR. LUÍZ M. DI CRISTÓFORO

O Dr. Luiz M. di Cristóforo faz parte duma corrente científica que encara o Espiritismo sob o aspecto de filosofia humanista, tendente à implantação de novo conceito social, indispensável à compreensão do verdadeiro significado de fraternidade e justiça. Nestes

Nas circunstâncias excepcionais que a humanidade atravessa, os idealistas são os mais directos responsáveis, ao explicar o valor de sua ideas, num derradeiro esforço para evitar o caos.

É necessário compreender que, — acima de tudo, — o que interessa ao homem, é o

termos, ninguém melhor do que êle representaria esta revista, na grande e livre Argentina.

Formado em ciências médicas pela Universidade de Buenos Aires, professor de linguas, há doze anos, em vários institutos, escritor, conferencista, pedagogo, ensaista de tēmas filosóficos e científicos, fundou a Universidade Popular de Urquiza, de que foi o primeiro reitor, sendo, actualmente, secretário do Conselho Directivo e da Reitoria da Universidade Popular de Villa del Parque.

Os seus primeiros ensaios foram publicados em *La Nota Espiritista*, cujo director lhe dispensou, então, as mais altas atenções e o distinguiu com as maiores deferências. Também colaborou, nesse tempo, em *Nuevo Ideal*, onde escreveu estudos interessantissimos.

Além disso, tem desempenhado altos cargos na *Agrupacion «Camilo Flammarion»*, de cujo *Boletim* é redactor; na *Confederacion Espiritista Argentina*, de que é Vice-Presidente em exercício de Presidente, e no *Instituto Argentino de Investigaciones Paranormales*, de que foi Secretário Geral, sendo, ainda, pró-Secretário de redacção da grande revista *Constancia* e redactor de *La Idea*, órgão daquela Confederação.

Entre as monografias e ensaios de sua autoria, distinguem-se: «El átomo y su mundo», «El Dr. G. Geley y nosotros», «Doctrina de nuevos rumbos», «Nueva valoracion humana», «El problema de la consciencia y de la moral», «Una nueva ciência y las conquistas biológicas», «En torno a la ciência», «Nueva interpretacion de viejos problemas», «Arte y filosofia», «Más allá del hombre», «Defensa del valor humano en la realidad espírita» (de que este artigo é ligeira síntese), «Humanizacion y Espiritismo, etc., etc.

Na carta que nos escreveu, declara ser, para êle, subida honra colaborar em *Estudos Psíquicos*. Não sabemos, em boa verdade, quem deve sentir-se mais honrado: se êle, o cientista eminente, se nós, modestos evangelizadores que, em competência, não podemos ir além da boa vontade.

Não é necessário grande esforço para reconhecer que *Estudos Psíquicos* é altamente honrado com a colaboração do Dr. Luiz M. di Cristóforo, que nos dará, em artigos subseqüentes, idea exacta de quanto sabe e quanto vale.

Homem, com maiúscula, visto que, na actualidade, o que se ventila é, essencialmente, uma profunda questão humanista. Eis, por que é grave o compromisso que nós, espiritas, contraímos, neste momento, em virtude da enorme significação humanista que, em nossa opinião, contém a escola espírita.

O tema da nossa época, que para Ortega y Gasset consiste no advento das massas, numa nova modalidade de acção que implica nova razão de ser, radica em nós, — mais que em sua verificação dubitativa — a noção mais ou menos exacta que temos da angústia e da crise moral que é apanágio dos homens de hoje.

Esta noção nova das coisas é que dá origem às enormes interrogações que se levantam. ¿Pois, não é de desesperar o que o homem tem feito do homem? Bardaieff, essa grande consciência dilacerada, pergunta se acaso não caminhamos para nova e representativa idade média.

Maritain fala-nos, com muita pena, acerca da chamada guerra santa, que, de forma alguma, justifica o que, em nome de coisas respeitáveis, se pratica com os homens e com determinados princípios. Russel, traz-nos as achegas da sua sempre estimada cooperação, tratando, com habitual competência, das várias significações e dos conflitos que se erguem entre a ciência e a religião. Mas eis que Von Horvath denuncia flagelo de consciência numa juventude sem noção de Deus, nem de nada; e um mundo sem ideias definidas, — acrescentaríamos nós, recordando Mann, em sua egrégia advertência dirigida à enferma Europa, numa lição duplamente magnífica, que todo o mundo deve recolher. Tem-se a noção de que este período quebra a regra normal da história contemporânea. Com efeito: à vida, paixão e morte dos instintos, especificação natural de primitiva fase humana, sucedeu longo quarto de hora de nascimento e plenitude dos sentimentos deshumanizados, no tocante a toda consideração fora da parcela material que reconhecia e sustentava. Este é o desequilíbrio actual proveniente da luta entre o homem e as ideias.

Dada a nossa condição de espiritas, semelhantes factos incidem nos nossos considerando a respeito do homem e seu destino mediato e imediato.

É preciso explicarmo-nos: o que está em jogo é a condição humana e, depois, — ou talvez por isso mesmo — a condição espirita. Quando esboçamos a defesa da cultura, a-fim-de acelerar o conteúdo humanista da civilização, por cima do espírito mecanicista que a informa — e a sufoca, — somos coerentes com os princípios fundamentais da dou-

trina espirita no tocante à condição «sine qua non» do próprio Espiritismo.

É que a fase humana é meia doutrina e qualidade prévia que condiciona e incide na outra metade que a constitui, por assim dizer, experimentalmente, nos mil e um cambiantes da variada índole da fenomenografia espirita, novo verbo para humanidade igualmente nova.

Baseadas nestas considerações, surgem, então, as atitudes, na luta sem quartel entre democracia e totalitarismo, entre cultura e barbárie, entre inteligência e civilização dum lado e regressão e obscurantismo do outro. Algumas são inauditas e outras demasiado eloqüentes; a atitude do religioso e do «chouffeur» com seu vício: a velocidade, único vício novo para os nossos dias, tudo isso nos faz meditar, relativamente ao futuro da humanidade.

¿Valerá a pena lutar para mantê-la, nos tipos que já lhe conhecemos? Ou, pelo contrário, sobre o miradouro angustioso e claudicante de Unamuno, sobre o esperançoso desejo de Einstein e a interrogação de Ramón Fernández que leva ao pessimismo, ¿temos, acaso, nós, espiritas, valores capazes de levar os homens à emulação de acções construtivas?

Ter pelas ideias todo o respeito que merecem, e usar, ao mesmo tempo, da máxima intolerância, no que respeita à manutenção dos nossos princípios doutrinários, é pôr em evidência a crise moral do nosso tempo. Nota-se, no homem, falta de direcção superior. A lição actual é tremenda: basta contemplar o panorama que nos apresenta o mundo dos nossos dias: destruição na Europa e no Oriente. Por toda a parte ondas de sangue rubro e palpitante, direitos postergados, a ordem e a lei embrulhadas em misérrimas necessidades e propósitos que em vão querem dissimular, adoptando termos e conceitos nobres que, ou permanecem esfarrapados, ou alteram o seu clássico valor humano.

Nós sabemos que existe uma lição atrasada: é o Espiritismo incompreendido, é a tese imortalista que serve de medianeira à nova ciência, é o novo sentido humano assente em lógicas bases de compreensão, de fraternidade e de justiça. Claro está que recordamos Malraux, quando exprime: «Quanto maior é uma causa, maior é o abrigo que ela oferece à hipocrisia e à mentira».

O Mundo está ficando louco

Crónica de Leopoldo Machado

O mundo está ficando louco! ¡Eis o brado de agonia que da *Psychiatric Foundation*, de Washington, repercute pelo mundo inteiro! Para o dr. Harry Sullivan, presidente da associação médica norte-americana, trata-se de uma «esquizogrenia quasi inconcebivelmente terrível, porque exprime a grave desordem mental de uma era». Esquizogrenia que está dominando o mundo, no século em que o mundo dispõe, cientificamente, de quasi tudo para viver calmo e em perfeito juizo! ¡Não lhe faltam especialistas e técnicos para nada, absolutamente para nada!

Para o manifesto da *Psychiatric Foundation*, é a própria civilização e progresso do mundo que o está arrastando à loucura colectiva. Não vimos aí—embora se trate de uma alta sociedade de medicina e da maior democracia do mundo — o Espiritismo apresentado, como se vê por cá, feito o factor desta loucura. Ou, mesmo, um de seus factores.

¡Haverá erro na afirmação do dr. Sullivan?

Uma análise ligeira da situação do mundo levará o leitor menos psicólogo à exacta compreensão do que se afirma.

A guerra é, para ele, a maior manifestação de loucura colectiva. E também para nós. E a maior porção do mundo já está, podemos dizer, em guerra, ¡Quasi 1.800.000.000 almas, dos 2.200.000.000 que devem povoar a Terra, já estão em armas! ¡Em quasi 95.000.000 de kms², dos 140 milhões de que consta a litosfera, já se briga! Quere dizer que mais de 70 % da humanidade está em luta. E luta que vai influindo, dolorosamente, nos 30 % restantes. ¡E a guerra está apenas no seu começo!

Saia-se do terreno da guerra, que é a morte, para o da vida. ¡Que vemos aí? Valorizar-se, apenas, aquilo cuja valorização nos prova uma revelação de loucura colectiva. Cem milhares de pessoas afluíram ao estádio da última loucura de *box* que se realizou nos Estados Unidos, ansiosos de verem dois homens a se esmurrares mutuamente, canalizando, assim, para os empreiteiros da luta e os lutadores, verdadeiras fortunas. E a tais lutas, dá-se o nome de *arte nobre*! Vimos, há dias, num dos mais populares vespertinos cariocas, um tipo de fera humana, de boca escancarada, com uma falha de dente, que parecia estar uivando ódios ou vinganças terríveis. ¡Era um *boxeur* russo, que estava sorrindo, apenas, de satisfação, para sua multidão de *fans*! Que, nos tempos dos cézares

romanos, o povo corresse aos circos de Roma, para aplaudir gladiadores em luta, compreende-se... ¡Em nossos dias, em que o número de diversões, ao alcance de todas as bolsas, toca ao infinito; em que já se conhece e se devia sentir a força do Cristianismo, só por loucura é que se pode justificar isto!

Basta ver, de resto, as multidões que se acotovelam, num louco desperdício de energias nervosas, nos *estádios*, a *torcerem*, loucamente, para que uma bola passe ou deixe de passar, por baixo de um trapézio de madeira, a par do barulho que, pela rádio e pela imprensa, se faz de tanto; basta ver-se, no mês mais quente do ano, porque este de Fevereiro abrasado, quasi uma população inteira aos pinotes nas ruas, entregue à religião de Momo; basta ver a celeuma que se faz em torno de qualquer figura do *ecran* que aporta a plagas estranhas, para não se duvidar, e nem precisar-se de mais provas da insanidade humana, colectiva, da época.

Paulo de Mantegazza classificou o século das luzes de século nevrótico. E o dr. Sullivan apresenta-o de um nervosismo exagerado, raizando à esquizogrenia, que é, diz-se no manifesto, «uma doença da juventude, caracterizada por uma fenda entre o raciocínio e a emoção, a que se dá o nome de *«rachadura na alma»*. ¡Só pode ser fenda psíquica, e problemática, por cima, é claro! ¡Velhos de alma jovem, é óbvio, para as sensações de guerra e as futilidades! E contra essa espécie de esquizogrenia, diz o manifesto do dr. Sullivan, quasi não se conhece remédio, visto como «a cultura ocidental está ainda na sua fase juvenil» para tanto. E «a Terra, — continúa afirmando o dr. — não possui hospícios para as nações esquizogrenicas».

¡Entretanto, é dentro dessa cultura ocidental na sua fase juvenil que se vai apontando o Espiritismo como fazedor de loucos! Ele que é, para os que, bem e cientificamente, o estudam, a única psiquiatria capaz de pôr termo a tal situação de angústia, a curar, talvez, tal esquizogrenia!

¡Se «os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos», como escrevera Augusto Comte, são esses mortos — os espíritos atrasados — que, nesta hora de confusão e perturbação em tudo, estão descendo à Terra — que é, para todas as religiões, um vale de lágrimas — contribuindo dolorosamente para esta situação de esquizogrenia colectiva, dominante! Para pôr-lhe còbro e obstar-lhe a marcha ascencional, só a força e a lógica e a prática dos Evangelhos

COMO EU COMPREENDO A SOLIDARIEDADE

por Dinah Santos Lima

I

A palavra solidariedade vem do latim *solidus* e, por isso, se nós fôssemos capazes de lhe dar a devida interpretação e cumprimento, ou seja, exemplificar uma reciprocidade de sentimentos elevados e uma mais perfeita divisão dos bens terrenos, seríamos sólidos, ou melhor ainda, seríamos verdadeiramente solidários, o que equivale a dizer que olhar-nos-íamos como irmãos, que é aquilo que simplesmente somos.

Jesus-Cristo, quando elevou ao Pai, a quem obedecia, a sua prece tão dolorida: «Senhor, perdoai-lhes, que eles não sabem o que fazem», foi solidário, não no crime, mas no castigo, com os soldados que o insultaram e lhe chegaram aos lábios ressequidos pela dor, uma esponja embebida em fel e vinagre.

Nesse transe de indiscreto tortura, foi ainda em misericórdia que o seu pensamento envolveu os algozes. A essência da sua prece fez com que, do Céu à Terra descesse sobre o espírito desses soldados, a caridade divina.

E Ele, essa figura excelsa que, para nós, representa tudo quanto de belo podemos encontrar na existência, visto que só por meio da sua voz divina conhecemos a verdade viva, a fé, o amor racional e a tolerância, amparou com a sua prece os desgraçados soldados que, cedo ou tarde, lavariam a nódoa que o insulto e a deshumanidade haviam feito nas suas próprias almas.

Ele sabia-o e, por isso, falou assim.

* * *

Vinte séculos são decorridos e, pensando bem sobre aquilo que não vimos — quem o sabe? — e o que

interpretados em espírito e verdade, que não através de religiões sectarísticas. ¡E muita oração e vigilância! Oração, de molde a propiciar a iluminação dessas forças inferiores da Espiritualidade. E vigilância, a-fim-de não cairmos em tentação. ¡De não cairmos na tentação para que o mundo está resvalando!

Rio de Janeiro.

vimos hoje, salvo o desenvolvimento material, parece-nos, numa visão rápida dos factos, que, intrinsecamente, a humanidade continua sendo a mesma.

¿Porque sejam utópicos os nossos anseios de evolução? Não. ¿Porque seja vão e inútil todo o nosso esforço pela vitória do bem? Também não. Mas, simplesmente, porque muitos são os que se esquecem de que não pode haver progresso, duma maneira geral, e, muito menos, evolução sem que cada um procure estabelecer em si mesmo e de que não nos deve acompanhar outro interesse, nem devemos extrair desse progresso outro benefício, que não seja a nossa própria evolução.

Só assim começaremos servindo o progresso social.

Brotará então na nossa alma um grande entusiasmo, cheio de alegria, pela finalidade que demos à nossa vida.

Com todo o carinho amaremos a nossa obra, constatando os nossos próprios progressos, os nossos trabalhos de auto-sugestão e doutrinação, a facilidade com que nos corrigimos e, por fim, o gosto de nos governarmos.

¡Que prazer inefável não sentimos quando, ao perscrutarmos-nos, reconhecemos que já não fazemos hoje o que éramos capazes de fazer há um mês ou há um ano!

Quando verificamos que outros fazem e aceitam aquilo que nós podíamos também fazer e também, como eles, auferir os proventos que eles auferem, ¡que amor não sentimos por aquela força superior que nos elevou acima do nível de tantas baixezas que saturam o Mundo!...

Adejar sobre a lama em que está ainda embebida grande parte da alma da humanidade e não se deixar conspurcar por tanta subserviência é um atributo raro, que se situa, somente, entre aqueles que muito têm sofrido, quer no plano material, quer no plano moral e no espiritual.

Procedendo assim, reparamos que o caminho que percorremos é bastante solitário e que apenas nos acompanha a triste mas consoladora compensação de encontrar nos poucos companheiros aquela afinidade

do espírito que irmana as almas e as transporta acima do vulgo, esse vulgo que curva a espinha em permanente beija-mão ao vil metal e aos preconceitos sociais, alguns bem deprimentes.

* * *

Para facilitar a nossa auto-evolução, basta que nos rodeemos de uma inexpugnável muralha de bem com o mínimo de brechas, susceptíveis de ser penetradas pelo mal. *¿E o que é o mal? É tudo quanto repugna à nossa consciência; é tudo quanto nós fazemos aos outros mas que não queremos que nos façam a nós.*

É imprescindível que tenhamos a coragem de nos afastar de muita coisa má que a civilização nos impõe como boa, ou então seleccioná-la, em conformidade com os imperativos da nossa consciência. E, mais tarde, quando realmente soubermos o que queremos, podemos considerar-nos como bons auxiliares da obra de Deus e encaminhar a humanidade para uma vida, mais solidária e mais humana.

Então, a nossa alma sentir-se-á penetrada por um poder mais alto que o poder dos homens, o qual nos concederá a felicidade de contribuir para que a Suprema Causa triunfe, — a Bem da Humanidade.

* * *

A afirmação de que um homem pode descuidar os seus deveres morais para contribuir para um fim geral — diz-nos Leon Tolstoi, na «Correspondência» — é errônea.

O mesmo seria dizer que um ferreiro deve descuidar-se do seu trabalho e encarregar-se da direcção da oficina.

Não. Não é isso. Ambas as coisas devem realizar-se simultaneamente, e é bem que assim seja, e só desta maneira se consegue a harmonia desejada.

Continua falando Tolstoi:

Para cumprir a vontade de Deus é necessário a um tempo: a razão e o amor, a verdade e o bem.

«É preciso que a razão seja carinhosa e que o amor seja racional.

«O fruto da actividade do espírito é a verdade, o resultado da actividade do amor é o bem.

«Mas para que dêem fruto é necessário que estas duas actividades concordem: o bem surgirá apenas do amor, contrastado pela verdade, e esta brotará unicamente da actividade da razão que adora o bem».

Tudo quanto Leon Tolstoi diz, não está certo, está certíssimo.

¿O que é a vida sem a missão de bem-fazer?

¿De que nos serve viver, sem um incentivo de real beleza que nos permita esvoaçar do mundo do im-

derável, o mundo da Idea, para a Terra que tudo nos pode dar e tudo nos daria, se não estivessemos possuídos do mais absoluto negativismo pela nobreza do espírito?

¿Viver para comer, para dormir, para os gozos materiais, efêmeros e transitórios? Não. Viver, sim, mas para sentir, sentir para amar, desdobrando o nosso amor em mil facetas de luz.

¿E depois?

Polinizá-la, expandi-la, dar forma a essa luz ingênita que guardamos e defendemos acima de tudo e contra tudo.

Não deixar morrer nem esfacular essa centelha divina que acarinhámos e que transformámos, com os nossos mil sacrifícios diários, no poder que nos confere a auto-evolução, e nos leva a combater eficazmente o egoísmo.

Por isto mesmo é que aqueles que, pela sua condição interna, são insaciáveis de fraternidade, se enervam com o poderio desse vampiro.

Esses, na sua ânsia de evolução, querem galgar o espaço, penetrar o impenetrável e desvendar os mistérios do ser e do não ser, com o fim de estrangular o mal e de conseguir que, dum jacto, o sol nasça para todos.

¿Aspiração sublime! ¿Maravilha potentosa da estrutura humana, bem humana, que quer que todos saibam o que nós sabemos, que sintam o que nós sentimos.

Mas, *¿quão difícil é a realização dessa aspiração sublime!*

A evolução não se faz aos saltos; progride sempre; mas é lenta como a acção do mar.

¿O que é que lima as arestas da rocha, senão o mar? ¿O que é que transforma a pedra bruta e disforme, agreste e selvagem, numa renda frágil de arabescos inconcebíveis? Ainda o mar. O mar que, no seu ruminar lento mas constante, nos seus afagos bravios mas cariciosos, vai dominando a matéria bruta. E num trabalho milenário, levado a efeito inconscientemente, obedecendo a um Chefe desconhecido e cumprindo um programa ignorado, vai realizando a obra do progresso, fazendo com que duma rocha bruta e disforme, agreste e selvagem, surja, um dia, uma flor humilíssima, gerada duma seiva inesgotável, que beijará uma nova rocha...

* * *

A evolução e o progresso, são leis irrevogáveis que ninguém pode negar e de que ninguém pode duvidar.

Entretanto, como a sua execução é lenta, todos aqueles que vêm cair, diariamente, os seus irmãos

mais novos, que não sabem ou não podem defender-se, queriam vêr fazer-se, dum jacto, tudo aquilo que há-de fazer-se, sim, mas só com o rolar vagaroso e calmo dos séculos sem fim.

A-pesar-disso, em abôno da verdade, devemos repetir convictamente, porque os Evangelhos já no-lo ensinam e porque tudo no-lo indica, que os tempos são chegados.

E, se assim é, temos o dever de desenterrar das cavernas do materialismo grosseiro, que pretende sufocar o Mundo, as atitudes solidárias, únicas, talvez, que têm plenos poderes para mudar a face às sociedades humanas.

¿Porque não daremos à nossa Idea a plasticidade indispensável, até que ela chegue à realidade?

É preciso cultivarmo-nos bem e cultivarmo-nos muito.

Não estacionar, não emmudecer perante os sistemas imobilizantes do definitivo que oferecem o grande perigo de emparedar a mais livre entre as mais livres faculdades do homem, — o pensamento.

Ao abraçarmos qualquer filosofia ou religião, devemos sempre evitar de cair no erro de as supormos irrevogáveis e inatingíveis pela dúvida. O que hoje nos parece bom, amanhã pode ser substituído pelo melhor, que é inimigo do bom. Contentar-se com uma certeza sobre qualquer credo, seja qual for o seu aspecto, é negar a evolução.

Quem assim julgar os problemas, estagnou, do que se pressupõe, que apodreceu.

Parar não é progredir, é adormecer. E o sono é irmão gémeo da morte.

Nós não queremos o repouso eterno, que é anti-progressivo; queremos a vida, a actividade geradora, a fonte indispensável e inexaurível que há de auxiliar a auto-evolução.

* * *

Diz-nos Tolstoi, ainda na sua «Correspondência»:

«Nada impede mais o movimento que uma forma determinada, que a atenção fixa em si mesmo, a consciência de alcançar certo grau.»

O parar junto à meta, o isolamento no deserto e a vida comunal podem ser temporariamente necessários aos homens, mas como fórmula perpétua constituem uma falta e uma loucura evidentes.

Viver vida pura e santa junto à meta ou na comunidade, não deve ser, porque o homem está privado de metade da vida, da comunicação com o mundo, sem a qual a vida carece de objectivo.

Para viver sempre assim é necessário enganar-se a si próprio, pois que é evidente que é tão impossível viver só ou em um grupo de santos em meio de um mundo que vive na violência e na luxúria, como separar por um processo químico um círculo de água pura de um rio lamacento.»

Daqui se deduz:

1.º — Que devemos trabalhar para a nossa evolução;

2.º — Que devemos fazer evoluir os nossos irmãos; dar-lhes de graça o que de graça recebemos e, para isso, se tanto for preciso, descer a tóda a profundidade da dor sem nos deixarmos tragar por ela.

Aplico aqui, também, uma linda frase do grande poeta índio Rabindranath Tagore: «tudo o que existe vibra com a vida, porque saiu da vida.»

¿Como podemos nós, que estamos cheios de vida, vibrar com a inacção? Só a inércia é contrária ao progresso e só o dogma é contrário à evolução.

O dogma, porque é inexplicável e incompreensível, é estático, é imitativo da verdadeira morte, a morte do espírito!

A vida, porém, só vive da inovação, e a inovação é sempre a forma que um insatisfeito tem, de manifestar a sua aspiração para uma finalidade melhor.

¿Que insípida não seria ainda mais a vida, se não nos aguilhoasse esta ambição constante do saber e da verdade!

Sem esta ânsia que nos transforma em escravos da nossa própria Idea, ¿onde poderíamos viver, sem cair no marasmo da inércia?

As flôres sacodem-se para que exalem maior perfume e a nós, para que se viva, sacode-nos esta aspiração de atingir o Inatingível — a perfectibilidade — verdadeiro sonho de Ícaro que nos atrai para o Céu, para, em seguida, nos despenhar, em queda dolorosa, sobre as trevas da nossa ignorância.

Mas, enfim, ao menos, Lá, num vislumbre mágico, o espírito absorve a luz, a força, o dinamismo poderoso e orientado que lhe permite cortar a terra em tôdas as direcções, atravessar tôdas as fogueiras, sem se deixar deminuir nem inutilizar.

¿E quem melhor do que o espirita pode fazer tudo isto?

¿Quem melhor do que o espirita, pode conhecer quanto é oportuno o ser bom? ¿Não bebemos nós o elixir da longa vida, quando mergulhámos na essência dos Sermões da Montanha?

Impõe-se, mas com alma, que se queira ser bom.

* * *

Porque é preciso evoluir e porque a corôa da auto-evolução é fazer evoluir os outros, é que aqueles que já possuem um pouco de luz, a devem colocar bem alto para alumiar o caminho aos viandantes transviados — tantos apenas por ignorância e por fraqueza—.

Muito embora ninguém possa duvidar de que a evolução também se faz na razão directa da qualidade

UM ALTO TEOREMA

(Tradução de I. D. S.)

pelo Dr. Rodrigo Sanz

○ escritor mexicano Alfonso Reyes — o caçador, como, geralmente, assina os seus trabalhos — deixou-nos o precioso «Diálogo de mi ingenio y mi conciencia», em que descreve um pesadelo. Eis aqui um extracto:

«Era eu mesmo, mas esbelto e subtil: rôsto sorridente, olhar fogoso, voz sonora, cheia, e andar ligeiro, que mais parecia vôo de ave, do que calcurrear de humano.

«Eu ia também ao lado, mas obeso e lento; rôsto largo, olhar vago, fala grossa e áspera.

«E o último e definitivo eu, que eu não via nem sentia, mas que me explicava as aparições do sonho, disse-me: — «Aquêlé é o teu espírito; esta é a tua consciência. Tua alma reparte-se por ambos; e, assim, não é raro que, em meio do riso, chores, e, em meio do pranto, sorrias».

«Os três falaram, sucessivamente.

— «¡Para mim, as flores! — exclamou o espírito, em voz de clarim —. As flores e as campainhas, os perfumes da Arábia, o riso varonil, a solidão completa, a vida livre do viandante! Por minha causa, há uma bandeira de gala no seio da criação. Por minha causa, passa o meu senhor horas amáveis, de dia e de noite, que ardem no fiozito azul do tabaco ou se diluem com os torrões de açúcar, nas chávenas de café.

— «¡Para mim, os cardos! — gemeu, em surdina, a consciência —. Os cardos e as campainhas fúnebres,

o sabor da cinza, o pranto da aflição, o suor da fadiga, o rápido selar dos cavalos e a fuga trágica, no frio do amanhecer! Por minha causa, flutua, em partículas, uma árvore de mostarda, no seio da criação! Por minha causa, passa o meu senhor horas cruéis, que esfriam o amor, enquanto cresce o farol gelado da inteligência, que consome, sem acalantar!»

«E disse-me, depois, o terceiro eu:

— «Quando acreditas na seriedade da vida, a tua consciência avança, como operário que se aproxima da oficina, de frente erguida e braços desnudos. Então, o teu espírito, que, em estrutura, supera a tua consciência, assoma sobre o ombro do operário, e sugestiona-te, de modo que a vida te pareça um miserável formigueiro... Se te dispões a rir, impedir-to-á a consciência. E assim vives, juntando teus risos às tuas lágrimas, em satisfação do espírito e da consciência, dois lobos esfaimados que se disputam o domínio de tua alma».

«Nisto, sucedeu uma coisa que sempre me conturba: notei que o meu espírito era homem e a minha consciência mulher; que aquele a cortejava e que esta se rendia, chorando.

«Exaltei-me e comecei a gritar:

«— ¡Insensato! ¿Que sabes tu de suas lágrimas ou entendes de suas penas? ¿Que há de engendrar em suas entranhas fecundas, tu, que és, apenas, o sorriso do conhecimento, a opinião do espírito acerca da natureza...»

e da quantidade dos espíritos que baixem até nós, o que é inegável é que, a-pesar do seu avanço e realidade comprovados, se alguém me perguntasse: «Se hoje Deus nos enviasse novamente o Divino Mestre, ¿como seria Ele recebido?» eu responderia: exactamente como da última vez: ¡com perseguições, com insultos, com o martírio e com a morte!

E do mesmo modo que há 2.000 anos, se Cristo voltasse a este mundo, na Galileia ou na China, teria de proceder à expulsão dos mercadores do templo, teria de condenar os fariseus que faziam retinir as suas moedas nas arcas às portas das sinagogas e teria muito quem o injuriasse por curar ao sábado. Seria, igualmente, repellido por perdoar às Marias Madalenas e por acompanhar com gente da mais humilde proveniência e de misteres desprezíveis. ¿Mas, porquê? ¿Porque a gente do povo é humilde e simples?

Talvez; mas para Ele, ela valia mais do que todas as riquezas das gentes poderosas e, tanto assim, que foi entre ela que Ele quis nascer, viver e morrer. Foi para ela que viveu e foi por ela que morreu, sobretudo por ela.

Não esqueçamos, porém, que essa massa anónima, resignada e sofredora, num carinho feito de êxtase e compreensão, foi quem teve coração bastante grande para O amar, sem exibicionismo; inteligência bastante profunda para O compreender e abnegação e desprendimento para O exemplificar e seguir.

Galvanizada por Ele, essa massa anónima, rude e insignificante, fez prodígios, que nós, hoje, nem pálidamente imitamos.

¡Triste é que se verifique que, após dois séculos de metamorfose, ela continua vivendo na ignorância dos princípios básicos da vida!...

téria?... E tu, néscia vulgar que acreditas em duendes, ¿ que entendes ou conheces de seus risos e alegrias? Tu, que és, apenas, o amargo da vontade, a desesperação da matéria ante o espírito, ¿ que poderás aproveitar da sua semente?... ¿ Que união é esta e que monstro de duas cabeças ofereceis ao meu exaltado arbítrio?»

«E detive-me, a tremer, porque aquêles dois fantasmas, varão dotado de asas e fêmea armada de navalha, se reproduziam em larga geração de gnomos, todos parecidos comigo mesmo...

«Ao abrir os olhos em sobressalto, ainda me chegavam palavras do sonho. E vi, claramente, que o espírito dizia à consciência, significando ético entusiasmo que ela lhe despertava: — «Teu colo é como a Tôrre de David, que foi edificada para exemplo: mil escudos de valentes caíam dela.»

«E a consciência requebrava o espírito, significando a embriaguez vital que êle lhe infundia:

— «Teus olhos vermelhos de vinho, teus dentes brancos de leite.»

* * *

Aparte as belas imagens e frases expressivas, eis aí uma fina e profunda observação psicológica, que apresenta, não já a nossa manifesta dualidade interior, quando dialogamos connôscos próprios, mas também a forçosa trindade que então produzimos e somos, porque um terceiro *eu* é muda testemunha que, no final do diálogo, ou em suas interrupções evidencia a nossa trina companhia, durante o monólogo em colóquio.

É que toda mente reproduz a Trindade Divina, em sombra e movimento (e pela nossa podemos convencer-nos da outra), porque toda mente tem *re-flexão* ou *volve sobre si*, em acto consciente, tomado como objecto um acto próprio.

No acto reflexivo, *acompanhamo-nos*; e com tão revelante companhia, que em conversação interior nos tratamos *por tu*, quando estamos em atento exame, apertada indecisão ou evocando plácidas memórias. Cem vezes no mesmo minuto nos devemos ter surpreendido em tais cogitações, ora torpes ou perspicazes, ora tímidos ou animosos, ora serenos ou aflitos; e teremos, certamente, verificado que o *eu* perspicaz, animoso ou sereno, censurava ao outro a sua torpeza, timidez ou aflição.

Esta última dualidade consciente aparece sempre, de modo natural e inevitável, quando *nos vemos*, como podemos ver-nos, que é *num acto* nosso interior. É facto que tem de dar-se em qualquer mente e com nitidez nas mais desenvolvidas, porque é próprio da mente agir sobre si mesma, com a maior imanência vital, a que chamamos *reflexão* ou *cogitação*... E

como do pensar e mentalizar é que provém o *ser*, a que chamamos *pessoa*, semelhante dualidade produz o efeito de *duas pessoas num indivíduo*, de outro *eu* que sou eu mesmo e a quem trato por *tu*.

Mas também já nos devemos ter interrompido nessa conversação interior, surpreendidos pelo *monólogo dialogado* que ela representa; pelo menos, ao terminar o colóquio, teremos reparado com estranheza no que acabava de suceder-nos. E então, com maior surpresa ainda, poderemos começar a ver que um terceiro *eu*, precisamente o que agora se estranha, se surpreende ou se ri, presenciava silenciosamente o colóquio, sem ser o *tu*, nem o *eu* que nele vinham envolvidos. Essa testemunha que não dizia nada, mas que estava ali, porque aparece a dar conta, razão e juízo do que presenciou, é a terceira pessoa que, naturalmente, inevitavelmente, aparece com nitidez em toda a mente desenvolvida, no seu acto genuíno e característico de *re-flexão* ou *con...sciência*... É que, em toda reflexão mental bem definida, há, por necessidade: quem *vê* um acto próprio, quem é *visto* como objecto d'êle e quem *vê que se vê* nele. Pouco importa que o terceiro *quem* não se manifeste até o fim, ou permaneça sem mostrar-se, enquanto meditam os outros dois, pois concorre e presencia, visto que, no final ou em qualquer interrupção, se mostra sabedor.

* * *

Pois agora *transportemos* essas notas — como se diz em Música — à clave divina. Esforcemo-nos em concebê-las na Mente de um só acto, sem sucessão, nem possibilidade de mudança... E, de maneira inevitável, compreenderemos que essa Mente, *vendo o acto*, há de ser justamente um *Quem* que plenamente se vê, um *Quem* que plenamente é visto, um *Quem* que plenamente vê que se vê; e com relevância tão grande, que as três pessoas serão continuas e *indestrutíveis*, realíssimas e *essenciais*, como co-agentes integradores do acto divino; de tal modo que Deus não pode deixar de estar ali, em trina companhia de si mesmo.

Este altíssimo conceito filosófico parece que procede da filosofia alexandrina e neoplatônica e que dela foi tomado pelos Padres da Igreja ecumênica, na altura em que êles, como organizadores da Cristandade, formularam os seus dogmas, pois o primeiro d'êles é o da Trindade Divina.

Nos séculos de grande cultura teológica, qualquer europeu letrado sabia expor este conceito, com palavras e ideias fáceis e precisas. Bem simples é a exposição, como se vê, se a auxiliarmos com a observação psicológica do que nos sucede todos os dias, e com a

Campanhas sociais do Espiritismo no Brasil

por Ismael Gomes Braga

O Prof. Ismael Gomes Braga, que hoje inicia a colaboração nestas colunas, é uma estranha organização posta ao serviço do Espiritismo. Activíssimo, jovial e comunicativo, levou a sua mocidade a pro-pagar o Esperanto, de que ainda é acérrimo cultor. Depois, aportou à Seara Espirita e aqui trabalha afa-nosamente, apresentando os dois ideais entrelaçados no mesmo ramo, que a sua alma aberta oferece, gene-rosamente, a quem o lê.

Durante muitos anos, espalhou artigos por quasi todos os jornais espiritas, brasileiros e estrangeiros, já traduzindo monografias de Bozzano, já organizando secções especiais, em que dava a conhecer o movi-mento espirita mundial.

Hoje, faz parte da Federação Espirita Brasileira, como director da Secção de Esperanto, aberta há pouco tempo, mas já prometedora dos mais belos fru-tos. A ele se deve «*Esperanto sem Mestre*», «*Espe-ranto-Modelo*», «*Manual Completo de Esperanto*», «*Primeiro Manual de Esperanto*», «*Método de Espe-ranto*» e «*¿Veterano?*», editados por aquela agremia-ção.

O presente artigo, assim como outros que se segui-rão, está há muito à espera da sua fotografia, para ser publicado. Como ela ainda não chegou, devido à difi-culdade das comunicações postais, aí vai o artigo.

Ismael Braga é sincero e velho amigo e por isso dispensa qualquer cerimónia da nossa parte. Bem sabe que o apreciamos e estimamos e tratamos como se fôsse da casa.

QUEM se dê ao trabalho de ler as velhas colec-ções de *Reformador*, dos anos de 1883 e se-guintes, perceberá que a primeira campanha dos espiritistas no Brasil foi pela abolição da escravi-dão. Seguindo caminho oposto ao dos agitadores de massas, os nossos irmãos daquele tempo falavam ao

idea ontológica do que é a *Mente* e a sua reflexão. É, certamente, um verdadeiro teorema, demonstrável por contradição da negativa, ou redução ao absurdo, que é a mais segura e apodítica demonstração.

* * *

O Espiritismo, que em toda a parte busca a ver-dade e dela necessita em Teodiceia, bem pode tomar e apropriar-se deste teorema, tal como fica formulado, que é como se oferece, evidenciável ou demonstrável.

coração dos senhores de escravos, fazendo-os sentir a injustiça do regime e a necessidade de uma abolição pacífica, cristã, que evitasse o derramamento de san-gue em guerra civil, facto já então tristemente verifi-cado na América do Norte.

Graças aos céus, a abolição se consumou em 1888 sem perturbação alguma da ordem, com uma simples assinatura da Princesa Isabel, a Regente do Império, que se tornou idolo do povo somente por haver assi-nado esse Decreto que entrou para a História com o nome de Lei Áurea.

Novas campanhas foram iniciadas pelos pensado-res espiritistas, sempre pelo mesmo processo da per-suasão, da palavra dirigida ao coração e contrária a tôdas as formas de violência, mesmo a das palavras rudes. E novos resultados vêm sendo obtidos em tôdas essas pelejas do cérebro e do coração.

Assistência social, alfabetização das massas, liber-dade de cultos, oficialização da medicina homeopática, etc. São pugnas em que sempre esteve empenhada a imprensa espirita brasileira. Muito pouco nossa im-prensa tem-se preocupado com os fenómenos espiritas, se compararmos nossos jornais com os de alguns ou-tros países. Parece que aceitamos quasi sem discussão a fenomenologia toda, para passarmos imediatamente à aplicação prática da doutrina decorrente dos fenó-menos.

A obra espirita, rialmente grandiosa no Brasil, vai sendo de carácter social, de colaboração com o Esta-do, na solução dos problemas de assistência pública. Nesse sentido, o movimento espirita brasileiro ocupa posição de relêvo no mundo todo, talvez única no pla-

O Espiritismo é Ciência nos actos psíquicos observa-dos e comprovados, positivamente; mas tem que ser, também, Filosofia que sintetize os factos e que supra as lacunas da Ciência, no ainda não observado e com-provado, ou no não observado e comprovável por sen-tido e experiência. E isto em Física, Biologia e Onto-logia, em Psicologia, Moral, Cosmologia e Teodiceia.

Nunca esqueçamos que a primeira tese espirita é puramente filosófica: *há Deus*, e que esta tese deve conter o mais elevado conceito que a mente humana pode formar e evidenciar da *Mente Divina*.

neta, pelo espírito de colaboração com as autoridades e com as outras escolas religiosas. Convém notar que o Espiritismo no Brasil é essencialmente religioso, fundamentalmente cristão.

Sendo esse aspecto social, de confraternização dos homens e dos povos, a característica essencial do Espiritismo no Brasil, e conservando-se fiel sempre à mesma e Alta Direcção no Mundo Superior, muito seria de pasmar que ao iniciar-se a actual guerra apocalíptica, não se achassem já todos os espiritistas brasileiros empenhados em uma peleja forte pela fraternidade universal, como é a campanha dos esperantistas; mas estão, graças a Deus, todos — todos, sem uma única voz de oposição até o momento em que escrevo estas linhas — interessados na pugna pró Esperanto, e o estão há alguns anos.

Em muitos pontos há diferenças de opinião e divergências entre os espiritistas brasileiros, na questão do Esperanto; porém, mercê de Deus, todos estão absolutamente concordes, todos os jornais, desde o venerando *Reformador* com seus 58 anos de vida útil, até os recém-nascidos «*Arauto da Fé*» e «*Síntese*», em cujos primeiros números vieram artigos ardorosos em favor do Esperanto, como movimento salvador da humanidade.

O *Primeiro Congresso de Jornalistas e Escritores Espiritas*, realizado em Novembro de 1939, no Rio de Janeiro, em cuja Comissão Organizadora não havia um único esperantista, cogitou logo de uma tese a favor do Esperanto e convidou os esperantistas a colaborar. A *Hora Espirita Radiofônica*, ao elaborar seu programa de trabalho, incluiu o Esperanto para todas as irradiações. A nova estação paulista, Rádio Piratininga — PRH 3 — fundada por espiritistas, antes de lançar seu primeiro programa no éter, convidou os esperantistas da Paulicéia a colaborar, dando-lhes meia hora por dia para divulgação do Esperanto.

A esse entusiasmo pelo Esperanto, repetimos, não se opõe uma única voz no Brasil inteiro; há unanimidade absoluta e, confessemos, incompreensível do ponto de vista humano, pois que em todos os sentidos as opiniões dos pensadores costumam divergir, travando-se discussões.

Sendo eu um dos mais antigos trabalhadores do Esperanto nas rodas espiritistas brasileiras, nunca me pude explicar a causa dessa harmonia de vistas. No entanto, muito recentemente, a explicação me foi dada espontaneamente por Emmanuel, o Guia que tem escrito livros preciosíssimos pela mão de Francisco Cândido Xavier. Mandou-me esse Grande Espírito uma carta, pelo correio, esclarecendo que a obra não é humana, só de encarnados, que está sendo superentendida do Alto e que o triunfo será indiscutível. A união de vistas não está na Terra, desce já preparada do

Mundo Espiritual Superior por inspiração a todos os trabalhadores da Seara.

Há, pois, um trabalho no Alto que produz seus efeitos nos espiritistas brasileiros, levando-os a se tornarem adeptos da causa dos esperantistas.

Depois dessa missiva de Emmanuel, têm aparecido em nossa imprensa comunicações em prosa e verso, de elevados Espíritos, recebidas por diferentes médiuns, alguns desconhecidos do autor destas linhas ou inteiramente anónimos. Dentre esses anónimos e desconhecidos, um remeteu aos jornais espiritas um poema de Castro Alves que vamos reproduzir aqui. É o seguinte:

QUANDO EU VOLTAR...

CASTRO ALVES
(Poema mediúnico)

Quando eu voltar a ser doce criança
Enchendo a casa de alvoroço e risos,
Colhendo rosas, cravos e narcisos,
A palmilhar da Terra o bom carreiro,
Hei de encontrar a Língua da Esperança
Entrelaçando irmãos no mundo inteiro!...

Quando eu voltar ao Orbe velho e amigo
— Negro abismo dos erros e das dores,
Palco de lutas mil e mil temores,
Onde tanto sofri... mas amei tanto...
Hei de trazer — ¡por Deus! — junto comigo,
O bálsamo que enxuga todo o pranto,
Quando eu voltar ao Orbe, velho e amigo!...

Quando eu voltar a ter matéria nova
— Moldável cêra em santas mãos plasmada, —
Eu crescerei já palmilhando a estrada
Da Verdade e do Amor do Cristianismo!
E hei de, então, jovem, são, nessa áurea prova
Triunfante, demonstrar que o Espiritismo
É a Doutrina Cristã que se renova!

Quando eu voltar à Terra tenebrosa
Em cuja treva, audaz, firme, mergulho,
Hei de ensinar que é Ignorância o orgulho,
Egoísmo, ódio, ciúme e crueldade!
Mostrarei, que tem prova dolorosa
Quem abusa da Lei da Liberdade!
Quando eu voltar à Terra tenebrosa...

Quando eu voltar à Escola da aflição,
Trarei no olhar a Luz do Evangelho
E um Mundo Novo surgirá do Velho,
Porque eu virei nas asas da Verdade!
Numa das mãos trago o Esperanto — a União,
Na outra, o Espiritismo — a Caridade...
E o Evangelho a cantar no coração!...

Se a paciência da Redacção desta Revista mo permitir, em outro número apresentarei trechos de outra mensagem mediúnica acerca da missão do Esperanto, na esperança de que os nossos irmãos da gloriosa Lusitânia conservem as predições para ulterior verificação.

A CARIDADE

pelo Dr. José Gaita

A Caridade é a primeira das virtudes. Ao contrário da Fé e da Esperança que são sentimentos subjectivos, de interesse individual, a Caridade é universalista, o seu objecto está fora do individuo: é o amor do próximo, o desejo de lhe ser útil e ampará-lo, material e espiritualmente, para que não pereça à míngua e não se desvie da rota cristã. Dessas três excelsas virtudes, só a Caridade é, verdadeiramente, a negação do orgulho e do egoísmo; só ela encerra em si todas as outras virtudes — «humildade, benevolência, justiça, indulgência e tolerância»; só Ela é, enfim, absolutamente altruísta!

Na Fé e na Esperança há sempre implícita alguma coisa do egoísmo, do amor próprio; há sempre o pensamento do eu, a preocupação de satisfazer os próprios desejo e interesses.

Quere dizer, há nelas uma actividade interesseira, movida pela intenção de alcançar qualquer recompensa. Por isso mesmo, sem Caridade, de nada servem a Fé e a Esperança.

Para se ser cristão, é indispensável ser-se caridoso, tendo Fé e Esperança e praticando activamente a Caridade.

Assim pensava São Paulo. Diz êle aos Coríntios ao falar-lhes da suprema excelência da Caridade:

«Mesmo se eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tivesse Caridade seria como o metal que soa e o sino que tine».

«Ainda que tivesse o dom da profecia e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e mesmo que tivesse toda a Fé, de maneira tal que transportasse montanhas, se me faltasse a Caridade nada seria».

«E ainda que desse aos pobres toda a minha fortuna, e entregasse o meu corpo para ser queimado, nada disso me aproveitaria se não tivesse Caridade».

«A Caridade é sofredora, é benigna; não é invejosa; não trata com leviandade, nem se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, nem suspeita mal. Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade».

«A Caridade nunca falha; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta».

«As três virtudes permanecem: a Fé a Esperança

e a Caridade; porém a maior delas é a Caridade. (I Aos Coríntios, XIII, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 13).

E, como ensinou Allan Kardec, a Caridade está ao alcance de todo o mundo; do ignorante e do sábio, do rico e do pobre, do feliz e do desgraçado, porque é independente de toda a crença».

Realmente, sem o sentimento da Caridade, os progressos sociais alcançados no melhoramento das condições de vida da imensa legião dos desherdados e dos infelizes caídos em desgraça, jámais seriam possíveis. Foi o sentimento da Caridade que conduziu à abolição da escravatura, êsse tráfico deshumano e odioso de passadas eras; foi a Caridade que forjou o estabelecimento da liberdade de consciência, e a igualdade de todos os homens perante a Lei, como sempre o foram perante Deus; foi pela Caridade que se criaram misericórdias, hospitais, creches, albergues, asilos e todas as instituições cujo fim é preservação e defesa dos homens e dos animais.

A beneficência particular é filha da Caridade.

A própria Assistência Pública só poderá vir a ser estabelecida em bases justas que não deprimam os beneficiários, isto é, só se tornará um direito, essa aspiração latente e viva dos homens de hoje, deixando de ser esmola ou favor, quando nela estiver bem impressa a acção da Caridade. Só assim ela será prestada sem ostentações, sem vaidades, nem reclamos nos jornais, em cumprimento da palavra do Mestre que manda dar com a «dextra», às escondidas da «sinistra».

Quando o Universo fôr dominado pela Caridade, jámais serão possíveis as guerras, êsse nefandos flagelos da humanidade, essas sombras negras desta civilização luminosa dos nossos dias.

A guerra é a negação da Caridade, é um produto do egoísmo e do orgulho humanos. Quem sentir pulsar dentro de si os nobres atributos da Caridade, há-de ter compaixão e misericórdia pelos seus semelhantes, sejam êles de que raça fôrem, tenham a côr que tiverem; nunca poderá ordenar o seu extermínio, procurando transformar grandes países cheios de vida e alegria em imensas necrópoles funerárias!...

O homem caridoso é bom, é pacífico e tolerante. Tem amor ao próximo, a quem procura evitar todo

o sofrimento, o pranto, a fome, a morte!... Eis porque a felicidade dos homens e das nações reside na prática da Caridade, e não na de actos de violência, — a sua negação.

«*Fora da Caridade não há salvação*», exclamou o eminente codificador do Espiritismo, interpretando à luz da sua viril inteligência, da sua razão esclarecida, com uma lógica irrefutável e o auxílio dos mensageiros do Além os textos evangélicos.

De facto, de todas as máximas de que as religiões fazem depender a salvação dos mortais é esta a única que não é sectária, nem exclusivista; é esta a única que se baseia «num princípio universal e abre a todos os filhos de Deus o acesso à felicidade suprema», qualquer que seja a sua crença ou o seu culto. Esta máxima adoptada pelo Espiritismo como regra, mostra a pureza da sua essência cristã. Portanto, como recomenda Kardec, o espirita deve submeter todos os seus actos ao exame da Caridade, e a consciência lhe responderá: não só ela o impedirá de fazer o mal, mas o conduzirá à prática do bem. Não basta uma virtude negativa, é mister a existência duma virtude activa.

Para não fazer o mal são suficientes, quasi sempre, a inércia e a negligência. Mas, para se fazer o bem, é indispensável haver actividade e diligência, concretizadas na prática de actos em benefício do próximo.

O protótipo do homem caridoso é o bom samaritano ao prestar socorro ao infeliz que fôra saqueado e ferido pelos ladrões na estrada de Jerusalém a Jericó. Enquanto o padre e o levita, que o haviam encontrado antes, passaram de largo e não o socorreram, o samaritano condoeu-se dele, atou-lhe as feridas, nas quais derramou óleo e vinho, e pondo-o sobre a sua cavalcadura levou-o para uma estalagem e cuidou dele. No dia seguinte, tendo de seguir viagem, deu dinheiro ao hospedeiro para tratar o ferido e disse-lhe: cuida deste homem e tudo que de mais gastares eu te pagarei na volta (Lucas, X, 25 a 37).

Este acto de Caridade, esta acção prática de amor ao próximo, salvou o bom samaritano. Misericordioso, como ele foi, compassivo e generoso, como ele se mostrou, terá de ser o homem para merecer a salvação. «Vai e faze da mesma maneira», disse o Mestre ao doutor de lei que lhe perguntou como havia de proceder para herdar a vida eterna.

Por consequência, a Caridade é uma virtude imprescindível para se ser espirita, discípulo de Jesus.

O homem prudente ama o Pai e o Filho, fazendo bem ao próximo. Lê, medita e pratica o que está escrito nos Evangelhos. A experiência própria lhe há-de ensinar ser absolutamente certo que «*Fora da Caridade não há salvação*!»

Por esse mundo...

No dia 2 de Junho último, subiu à cena, no Teatro República, do Rio de Janeiro, a peça «Seja tudo pelo amor de Deus», em benefício da Associação Espirita Obreiros do Bem e cujo produto se destina a auxiliar a construção do Hospital Espirita, que aquela agremiação empreendeu e em breve será um facto, mercê do concurso de várias entidades que ao Espiritismo se dedicaram, inteiramente.

— No Centro Amor e Caridade, de Limeira, Estado de S. Paulo, Brasil, acaba de se fundar a Associação das Damas Espiritas de Caridade, cujo fim é fazer enxovais para as crianças pobres recennascidas, enxovais que constarão de roupinhas e agasalhos em abundância, que serão entregues às mães pobres que recorrerem a esta entidade.

— Segundo noticia *O Clarim*, de Matão, Bahia-Espirita festejou o seu primeiro aniversário com um número especial, de escolhida colaboração. Este jornal, com quem permutamos, há muitos meses que não é recebido na nossa redacção. Congratulamo-nos com o triunfo do bem redigido mensário da Cidade de Salvador e apresentamos os nossos cumprimentos aos seus directores, Pedro Serra e Alfredo Miguel.

— Desencarnou em Cuba o velho espirita D. José Cepero y Avila, membro do Contro Rosendo, de Matanzas, e fundador do Grupo Francisco de Paula, em cujas agremiações gozava de grande estima e admiração.

— Na sede do Grupo Espirita Fé, Esperança e Caridade, Entre Rios, Brasil, realizou-se uma interessante *Semana Espirita*, em que falaram os seguintes propagandistas: Dr. Henrique Andrade, «As provas da verdade nas manifestações espiritas»; Dr. J. C. Moreira, «A religião dos homens e a religião de Deus»; Prof. Maria José de Oliveira, «Onde se fundarão os alicerces da Sociedade Cristã»; Prof. Leopoldo Machado, «Os fundamentos filosóficos, religiosos e científicos do Espiritismo»; General Manuel Aripe de Faria, «A marcha ascensional do Espiritismo»; Humberto Alexandrino de Aquino, «O espirito da crise que atormenta o homem» e Manuel Quintão, «A missão do precursor».

— Acaba de fundar-se a Federación Municipal Espiritista de Matanzas, resultante da Sexta Concentração Nacional Espiritista de Cuba, realizada em Havana, em 29, 30 e 31 de Março último.

«Estimulamos os espiritas da provincia de Matanzas — escreve Rosendo — e, em geral, todos os outros, para que se inscrevam nos grupos locais, que, por seu turno, devem nomear um Delegado e um Suplente à Federação Municipal. Incitamos, igualmente, as Federações Municipais para que designem um Delegado e um Suplente à Federação Provincial. E uma vez constituídas as Federações Provinciais, devem estas nomear três Delegados e respectivos suplentes à Confederação Nacional, que se reunirá em Outubro p. f., na vizinha capital de Santa Clara».

Sob o governo de Baptista, o Espiritismo encontra facilidades extraordinárias que nos apraz registar, em contraste com a perseguição acintosa que o oprime noutras regiões que se jactam de civilizadas. Sinais dos tempos...

I. D. S.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Um monumento de fé

Foi assim que *Mundo Espirita* intitulou a auspiciosa notícia da inauguração da «Fundação João de Freitas», em Juiz de Fora, no dia 5 de Maio último. Na realidade, não pode haver maior monumento de fé cristã e espirita do que esta obra admirável que acaba de ser entregue, solenemente, àquela cidade, representada pelo Prefeito, na pessoa do seu representante, sr. Augustus Gribel. O Espiritismo realiza, dêste modo, uma acção social intensa, em colaboração com o governo brasileiro.

Há tempos, um grupo de sócios da «Casa Espirita» resolveu fundar uma associação de amparo aos velhos, a que se deu o nome de Abrigo João de Freitas. Chegaram a comprar terreno para o efeito. Com a desencarnação de D. Eugénia Braga, que dirigia o empreendimento, houve um compasso de espera, até que outros confrades resolveram ampliar a primitiva sociedade, denominando-a «Fundação João de Freitas» e criando um departamento para viúvas com filhos menores. Adquiriu-se terreno mais amplo, em substituição do antigo, e a primeira pedra foi lançada em 13 de Outubro de 1935. Nessa data, os directores planearam uma construção com oito pavimentos, os quais seriam concluídos nos oito ou dez anos seguintes. Pois, em cinco escassos anos realizou-se a obra, mobilaram-se os pavilhões, proveu-se a alimentação, forneceram-se remédios e médicos aos moradores que afluíam, à medida que se construía cada pavilhão.

Actualmente, abriga 120 pessoas: 36 velhinhos dos dois sexos, 54 crianças e 30 viúvas.

No 2.º pavimento estão instaladas a Casa da Directoria, a portaria, o gabinete médico, o gabinete dentário e o salão de prelecções. No rés-do-chão, está a lavandaria, com maquinismos apropriados, garagem para a camioneta de entregas e o salão de barbeiro.

A direita, está a «creche» para as crianças, cujas mães trabalham na lavandaria, estão o pavilhão para velhos do sexo masculino, 5 casas para viúvas com filhos, banheiras de água quente, filtro, cozinha e refeitório para 120 pessoas.

A esquerda, onze casas para viúvas com filhos menores. Ao fundo, dormitório para velhinhas e ampla varanda, com rádio-fonia.

Tôdas estas edificações dão para ampla rua ajardinada, calçada a paralelepípedo e provida de bancos de cimento armado. Ao centro, tem a «Praça da Harmonia».

Além de tudo isto, possui grande horta, em que trabalham os asilados, além de padaria, destinada a fornecer tôda a instituição.

Pelas gravuras que *Mundo Espirita* dedica ao

acontecimento, vê-se que estamos em presença dum autêntico bairro, cheio de luz e de alegria.

— ¿Como se conseguiu empresa tão importante? — perguntarão os leitores, admirados.

Ai é que está o segredo. Os espiritas brasileiros dispõem de varinhas de condão que, ao mais leve toque, fazem surgir verdadeiros «monumentos de fé», nessas abençoadas terras da *Pátria do Evangelho*.

Este é um dêles, pleno de amor, novinho em folha, onde os desvalidos encontrarão o conforto que lhes faça esquecer as amargas horas da existência.

Usurário que se enforca

Como prometemos, vamos transcrever o interessante caso do usurário derrubado por mão invisível, passado com o escritor inglês Axel Munthe e narrado por Faure da Rosa no seu artigo «O inverosímil... acreditável», publicado no número de 1-8-940 de *Vitimas da Guerra*.

«Axel Munthe — médico de fama mundial, autor de «Le Livre de Saint-Michel» — dá conta dum caso muito mais extraordinário no seu outro livro «Hommes et Bêtes»: qualquer coisa parecida com uma intervenção fantasmática, o que — para muita gente — é de pôr os cabelos em pé. Eis o caso:

«A família Salvatore tinha sido despedida do compartimento que ocupava, por não poder pagar a renda. O senhorio já tinha declarado que arrendara o quarto desde o dia imediato. O Dr. Munthe, que tratava gratuitamente o filho doente, perguntou à mulher de Salvatore para onde iriam morar. A desolada mãe respondeu que não sabia.

«O senhorio — um ricaço avaro — era useiro e vezeiro em actos dêstes: à menor falta de renda e sempre que a lei lho consentia, punha os inquilinos na rua e apoderava-se do pouco que os infelizes possuíam, a título de indemnização. O Dr. Munthe queria conhecê-lo para enriquecer os seus estudos acerca da natureza humana. Pelo caminho, o guia que lhe ensinava a morada do senhorio disse-lhe que êle era «molto rico»; que além daquêles prédio onde estavam os Salvatore, possuía uma grande casa na vizinhança. Nada disto surpreendeu Munthe, porque sabia que o senhorio exercia a mais lucrativa das profissões: usurário dos pobres.

«Um velho mal vestido e de aspecto repelente veio abrir a porta com precaução. Depois de atento exame, mandou entrar o Dr. Munthe. Explicado o motivo da visita, o doutor pediu moratória para pagamento da renda, alegando que Salvatore estava no hospital e o filho sofria de doença grave; e classificou de desuma-

namente cruel a severidade dêle, senhorio, com os pobres.

«O usurário perguntou-lhe quem era. Que era amigo da família — respondeu o doutor. Então o senhorio, com um sorriso escarninho, retorquiu que a melhor maneira de provar a amizade era pagar imediatamente a renda em dívida.

«Munthe sentiu o sangue afluir-lhe à cabeça. Contudo, pôde conter-se e ouviu, ainda com calma aparente, a série de doestos que o usurário dirigia aos italianos daquele bairro, que — dizia êle — não passavam dum bando de salteadores; não mereciam ser tratados como criaturas humanas; o Salvatore bebia tudo o que ganhava; um outro roubava-o em dez francos numa renda que não pagara; todos êles mereciam a miséria em que viviam — concluiu.

«O Dr. Munthe compreendeu que nenhum rôgo, nenhuma súplica comoveria aquêle usurário que se gabava de possuir cinquenta mil francos em dinheiro e de ter começado a vida sem nada.

«Facto singular e muito triste: o homem que da miséria sobe à riqueza é, habitualmente, cruel para os pobres. Era de esperar o contrário; mas, infelizmente, a regra geral é esta.

«As invectivas do usurário fizeram com que o Dr. Munthe perdesse o domínio que tinha em si, e, como costumava acontecer-lhe, foi mais longe do que queria. A princípio, o usurário respondia desdenhosamente e com mais injúrias; mas, pouco a pouco, foi esmorecendo até se calar. O doutor falou durante um quarto de hora, sem interrupção. Disse-lhe que aquêle dinheiro sugado aos desgraçados era prova dum egoísmo sem nome; que a dívida dêle, usurário, aos pobres, era muito maior que a dos pobres a êle. E, apontando para o crucifixo que pendia da parede, disse-lhe: «Se a justiça divina existe na Terra, a vingança há de atingi-lo inexoravelmente. Nenhuma súplica poderá poupá-lo ao castigo, porque a sua vida está manchada do mais negro dos pecados: a crueldade com os pobres».

«— ¡E tome cuidado, velho vampiro! — gritou-lhe, com voz ameaçadora —. Êsse dinheiro deve-o aos pobres, mas você deve-se ao diabo, que não tardará a vir exigir-lhe o rendimento».

«Munthe parou subitamente, porque o usurário, contraíu-se na cadeira, *derrubado por mão invisível*, e, pálido como um cadáver, olhava para Munthe, cheio de terror.

«A maldição que eu acabava de pronunciar — escreve Axel Munthe — ressoava-me aos ouvidos como um somido que eu não reconhecia e pareceu-me que mais alguém estava no quarto».

«No dia seguinte de manhã, o doutor voltava ao quarto dos Salvatore. Enquanto observava a criança doente, ouvia o que ia contando a mãe do pequeno.

«O senhorio viera na véspera, quâsi à noite. Sentara-se num banco, onde ficara muito tempo sem dizer nada e sem se mostrar zangado. Por fim, disse que não se inquietasse ela com a renda, que poderia pagá-la mais tarde. Ao partir, deixou sôbre a mesa uma moeda de cinco francos para comprar qualquer coisa para o doente.

«Na rua, o senhorio encontrou um outro inquilino, também despedido, que já tinha a cama num carro de mão, pronto para a partida, a quem disse que podia continuar no quarto.

«Felas investigações da polícia, soube-se, depois,

que o usurário, contrariamente aos seus hábitos, passara a noite no café ao lado, e o porteiro do prédio declarou que, ao vê-lo, quando o senhorio recolhia a casa, lhe pareceu que êle estava êbrio.

«Como o usurário vivia completamente só, e, ou fôsse por medo ou por avareza, era quem fazia todos os trabalhos domésticos, ninguém sabia o que se tinha passado. Contra o costume, o quarto dêle ficara iluminado tôda a noite. Quando, de manhã, viram que a porta se conservava fechada, suspeitaram de qualquer coisa anormal e chamaram a polícia.

«O corpo ainda estava quente, quando o despenduraram; mas o médico da polícia declarou que devia ter morrido algumas horas antes.

«Não se conseguiu descobrir o motivo por que se enforcara. Tudo o que se sabia era que um estrangeiro estivera na véspera, à tarde, em casa do usurário e que houvera discussão violenta entre ambos. Ninguém na casa vira o estrangeiro e ninguém sabia quem fôsse».

«Surge et ambula»...

La Revue Spirite Belge, de Março último, relata um belo caso de cura, obtido pelo médium J. Delbrouck, de Charleroi. Êste médium é muito conhecido, devido às maravilhosas curas que tem realizado, mercê da faculdade, que possui, de deter as doenças. Antes da invasão da Bélgica, trabalhava em radiestesia e chegou a verificar que o pêndulo não se torna indispensável àquelas experiências, por ser apenas amplificador das vibrações humanas.

Esta revista publica duas cartas do enfermo: a primeira e a última, que limitam o início e o fim do tratamento. Vale a pena transcrever os dois documentos, tão grande é o significado que revestem.

Eis a primeira carta, dirigida ao médium em questão:

Sr. Delbrouck: Vi o vosso nome na Revista e Madame Moureau, de Liège, aconselhou-me que me dirigisse a si. Ora, em Junho de 1937, em seguida a um esforço, senti dores no lado direito e o médico que me tratou diagnosticou, sucessivamente, lesão muscular, nevralgia intercostal, inflamação renal, inflamação da bexiga, do fígado, da vesícula biliar, do apêndice, dos intestinos. Receitou-me calmantes. Em Março de 1938, baixei ao hospital civil de L... para observação. Os professores da Universidade acharam o meu caso muito bizarro e abandonaram-me, julgando que eu não viveria mais de três meses. Como as dores se agravassem, dirigi-me, nos fins de Maio, a outro médico, que diagnosticou fraqueza nervosa em ligação com os rins e fraqueza da medula espinal devida à grande dose de calmantes que ingerira, receitados pelo outro médico. Embora as dores abrandassem, o médico não conseguiu fortificar-me os nervos das pernas (sobretudo, da direita) e tenho que recorrer às muletas para me deslocar, a muito custo, em casa.

«Tenho a impressão de que a demora do meu restabelecimento é devido a má influência e por isso desejava os vossos conselhos, o vosso auxilio pessoal, e o dos médiuns do vosso grupo que me quisessem assistir nestes momentos difíceis».

M. X.

20 de Outubro de 1938.

BIBLIOGRAFIA

MARCAS E IMPRESSÕES SUPRANORMAIS DE MÃOS DE FOGO por *Ernesto Bozzano*, tradução de *Francisco Klörs Werneck*.

TRATA-SE duma pequena monografia do célebre autor italiano que, em 60 páginas, nos revela nove casos de marcas e impressões de mãos de fogo, investigados pacientemente nos velhos arquivos religiosos e profanos. O primeiro sucedeu em 1654 e o último em 1835. São, portanto, acontecimentos narrados por autores que viveram muito antes do advento do Espiritismo científico, mas que, devido à minúcia com que são descritos, impelem os investigadores modernos a classificá-los como supranormais.

Todos nós sabemos como Bozzano é cauteloso e minucioso nas conclusões a que chega, antes de se pronunciar pela probabilidade da interpretação espiritual dos factos por ele apresentados.

Nesta pequena colectânea — agora traduzida por Werneck — o famoso cientista italiano, depois dum atento e aturado estudo, chegou à conclusão de que a impressão de mãos de fogo é proveniente da diferença da intensidade vibratória da substância somática do organismo humano, de que se reveste o fantasma. É essa diferença de vibratibilidade que provoca as impressões térmicas chamadas «calor» e «frio».

Há duas hipóteses explicativas deste fenómeno: a naturalista e a espirita. A primeira funda-se na iden-

tidade da substância somática do fantasma e do médium; a segunda afirma que a origem da vibratibilidade dessa substância é estranha ao médium. «Neste caso, diz Bozzano, ela só pode depender da natureza espiritual da entidade que se manifesta, isto é, de um ser independente do médium». E mais adiante: «Meditei longamente, sobre esta questão, com a intenção de achar uma outra solução, conforme a interpretação naturalista, mas não consegui concebê-la».

Eis, *grosso modo*, o conteúdo desta pequena monografia, que vem enriquecer a já vasta obra de Ernesto Bozzano.

BRASIL, CORAÇÃO DO MUNDO, PÁTRIA DO EVANGELHO — ditado pelo espírito de *Humberto de Campos* e psicografado por *Francisco Cândido Xavier* — Edição da Federação Espirita Brasileira.

ESTE pequeno livro, de pouco mais de 200 páginas, é um verdadeiro monumento literário. A sua textura é original e atinge dois objectos: dá-nos uma síntese maravilhosa da história do país nosso irmão e defende a tese do Cristo ter transplantado a árvore do seu Evangelho para a Pátria do Cruzeiro.

São estas as palavras do Senhor, dirigidas a Helil

Segue a segunda carta:

Sr. L'Homme: Em referência à vossa carta de 10 do corrente, julgo desnecessário explicar-vos o meu estado, antes de recorrer aos bons ofícios do sr. Delbrouck, que vos deve ter posto ao corrente de tudo.

«Quando me dirigi àquele senhor, estava paralisado das pernas, dos intestinos e da bexiga. Suportei intoleráveis sofrimentos. Este irmão disse-me que o meu sangue estava intoxicado e que era indispensável fazer lavagem aos rins, bebendo muito, para urinar muito. Falou-me também, na esperança da cura, o que muito contribuiu para manter o moral elevado.

.....
Ao cabo de quinze dias, comecei a urinar mais facilmente e as dejectões eram menos dificultosas. Pouco a pouco, comecei a sentir as pernas. O meu regime continuou quasi o mesmo, mas o sr. Delbrouck juntou-lhe frutos e legumes cozidos, queijo, carnes sanguinolentas, destinadas à formação das vitaminas, e o meu estado melhorou constantemente.

«Actualmente, ando sem muletas, nem bordão, e levanto pesos de 50 quilos, embora ainda experimente grande dificuldade de me baixar e depressa perca o fôlego, o que é, talvez, devido ao período de inacção forçada e à minha enorme nutrição: peso cerca de 100 quilos, contra 72, há dois anos. O perímetro torácico aumentou 15 centímetros e a cintura 25. Ultimamente, tenho sofrido dum tumor anal, cuja natureza ignoro. (Será fistula, abcesso, nascido purulento? O caso é que eu desejava correr em bicicleta, para emagrecer e adquirir resistência, de forma que

pudesse retomar a minha ocupação de carteiro. O primeiro médico que me havia tratado (e que me encontrou uma dúzia de doenças) declarou ser uma fistula, que necessitava de ser operada; mas eu não tenho nenhuma confiança nele.

«Estava à espera do Congresso para falar do meu caso, pois nessa altura já estaria completamente curado e livre deste tumor. A minha presença teria servido de prova. Todavia, se entenderdes que pode ser útil à matéria da revista, podeis fazer o que vos aprouver.

.....
«Rendo vibrante homenagem ao sr. Delbrouck, que põe as suas brilhantes faculdades à disposição dos doentes que necessitam do seu auxilio. Graças ao seu zelo e à sua dedicação desinteressada, já conseguiu melhorar muitos enfermos, considerados em estado desesperado.

X.

19 de Janeiro de 1940.

La Revue Epirite Belge informa que o nome e o endereço do seu correspondente são conhecidos da respectiva Direcção, que atesta a verdade dos factos.

Esta notícia é intitulada: «Onde a ciência falha, o Espiritismo realiza milagres... — Um paralisado que retoma o gosto pela vida».

Assim é, com efeito. Comprova-mo os inúmeros casos de doentes abandonados pela medicina e que no Espiritismo encontram remédio para seu mal. O médium Delbrouck, restabelecendo o signatário destas duas cartas, parafraseou o Cristo na cura do paralisado: *Surge et ambula...*

— o Infante de Sagres — depois de ter escolhido aquele portentoso território para nêle frutificarem as suas doutrinas:

— «Para esta terra maravilhosa e bemditada será transplantada a árvore do meu Evangelho de piedade e amor. No seu solo dádioso e fertilíssimo, todos os povos da Terra aprenderão a lei da fraternidade universal».

A tese, como se vê, poderá parecer arrojada e inverosímil para os profanos da nossa doutrina redentora; mas, analisados os factos posteriores a esta ordem, tudo nos leva a aceitá-la como verdadeira.

Um dos motivos mais flagrantes para a sua aceitação, é o facto histórico do Brasil ter mantido intacta a sua unidade geográfica e linguística, apesar das dificuldades insuperáveis com que o minúsculo Portugal muitas vezes teve de enfrentar.

Este e outros factos, magistralmente expostos e desenvolvidos pelo autor, e decorridos sob a égide protectora das caravanas espirituais de Ismael, reforçam a verosimilhança da tese supracitada.

Humberto de Campos justifica ainda o seu ponto de vista com argumentos convincentes, dignos de ponderação. Citemos dois d'elles, ao acaso: Num, demonstra e exalta a protecção divina; noutro, e talvez o mais aceitável para os leigos em Espiritismo, afirma que Portugal, «através de três longos séculos, embora preocupado com as suas fabulosas riquezas das Índias, pôde conservar, contra flamengos e ingleses, franceses e espanhóis, a unidade territorial de uma pátria com 8.000 km² e 8.000 km. de costa marítima. Nunca houve um exemplo como esse em toda a história do mundo».

E a seguir:

«É que a mão do Senhor paira sobre a longa extensão e sobre as suas extraordinárias riquezas. O coração geográfico do orbe não se podia fraccionar».

* * *

Em trinta capítulos, que se lêem com agrado crescente, o autor faz-nos desfilar perante a nossa retina espiritual toda a maravilhosa história da Terra de Santa Cruz.

Primeiro, é o desembarque de Cabral e a sua gente, recebida em terra «como irmãos muito amados»; depois, o Nazareno confia a Ismael a Pátria do Cruzeiro, que se desentranha em riquezas materiais e espirituais, com os missionários, enviados por D. João III, para a colonização. Em seguida, surgem os negros da costa africana, cooperando durante quasi três séculos na formação do bloco étnico brasileiro.

Segue-se depois, após a colonização, a invasão holandesa, com o desembarque de Maurício de Nassau em Pernambuco, em 1637.

Temos seguidamente a Restauração de Portugal e a expulsão dos estrangeiros expoliadores.

E o desfile não pára. Através da tela histórica da Pátria do Evangelho, o autor aviva-nos todas as peripecias dos primórdios da maioridade dum grande e formoso país.

Já em pleno século XVII admiramos o arrojo inaudito dos bandeirantes, sob o comando de Fernão Dias, desbravando e civilizando as regiões inhóspitas do interior.

E depois é o fracasso de Du Clerc, vingado por Duguay Trouin, enviado ao Rio por Luiz XIV.

Outro evento demonstrativo da ganância e da

falta de escrúpulos dos católicos, é a benção destes lançada aos navios negreiros, que transportavam da costa da Guiné os desditosos habitantes da África, para engrossarem os cabedais dos escravagistas.

Depois é o aparecimento do nativismo e a condenação de Bekman, seguida da inconfidência mineira, já em pleno reinado de D. Maria I, também com o suplício de Tiradentes.

E o autor, que só termina a sua descrição admirável com o 15 de Novembro de 1889, vai-nos deliciando com a sua prosa fluente. Conta-nos a fuga de D. João VI e o abuso da lei das aposentadorias, no Rio de Janeiro, e põe em foco José Bonifácio como patriarca da independência, culminada pelo célebre grito nas margens do Ipiranga.

E finalmente, em síntese rápida, conta-nos a abdição de D. Pedro I e exalta as qualidades magníficas de D. Pedro II, especialmente como impulsionador da cultura nacional e promulgador da «lei do ventre livre», como objectivo da extinção gradual da chaga social da escravatura. E a fechar, avulta a fundação da Federação Espirita Brasileira, a casa veneranda de Ismael.

Eis, em poucas palavras, o conteúdo deste pequeno livro mediúnico, prefaciado por Emmanuel, já muito nosso conhecido pela sua vasta obra ditada do mundo invisível.

S. E. M.

O ESPAÇO

Para figurarmos, tanto quanto nos é possível, com as nossas acanhadas faculdades, a infinidade do espaço, suponhamos que, partindo da terra, perdida no meio do infinito, para um ponto qualquer do universo, com a velocidade prodigiosa da fiação eléctrica, que percorre milhares de léguas por segundo, apenas acabarmos de deixar este globo, tendo percorrido milhões de léguas, achar-nos-emos num lugar onde a terra nos aparece sob o aspecto duma pálida estrela. Um instante depois, seguindo sempre a mesma direcção, achamos-nos na direcção das estrelas longínquas que, da vossa estância terrestre, mal distinguís; e daí, não somente a terra se perde inteiramente para as nossas vistas, nas profundezas do céu, mas ainda o vosso próprio sol, com todo o seu esplendor, se eclipsa, pela extensão que nos separa d'ele. Animados sempre com a mesma velocidade do relâmpago, atravessamos sistemas de mundos, a cada passo que avançamos na imensidade, ilhas de luz etérea, vias estelíferas, paragens sumptuosas, onde Deus semeou os mundos com a mesma profusão com que semeou as plantas nos prados terrestres. Ora, há apenas alguns minutos que caminhamos e já centenas de milhões de léguas nos separam da terra, milhares de mundos passaram sob as nossas vistas, sem que, em realidade, tenhamos avançado um só passo no universo.

Se continuarmos, durante anos, séculos, milhares de séculos, milhões de períodos cem vezes seculares e incessantemente com a mesma velocidade do relâmpago, nada mais teremos adiantado.

Eis o que é o espaço.

(Das comunicações assinadas por Galileu e insertas na *Génese*, de Allan Kardec, sob o título de «Uranografia Geral»).

Notas & Comentários

O nosso primeiro aniversário

Faz um ano que Estudos Psíquicos saiu do prelo e cumprimentou o público espirita. Vinha hesitante, como quem apalpa o terreno que pisa, embora escudado em programa dignificante, talvez um pouco arrojado pela substância nova que continha. Sabia que iria travar luta difícil e fazer grandes sacrifícios para se manter, em virtude de certos factores que se opunham tenazmente ao nosso caminhar sereno e progressivo. Sabia, também, que era grande a indiferença dos espiritas portugueses e que, por esse motivo, mais difícil se apresentava, ainda, o nosso empenhamento. E sabia outras coisas mais, que não vale a pena enumerar aqui, pois que o dia de hoje é de plena satisfação e alegria de viver.

O seu primeiro número deixou muita gente emocionada. *¿Mais outra revista?* — cogitavam almas distantes, como que despertadas de sonolência, a que haviam chegado, mercê de várias circunstâncias. Mais outra revista, não. Uma revista, — se dão licença, — a revista que se impunha, no momento em que foi lançada...

E os assinantes começaram a afluir, curiosos, ávidos, expectantes. E a um número seguiu-se outro número... e a uma promessa cumprida seguiu-se nova promessa... E as cartas que recebíamos traziam-nos amparo, lenitivo e incitamento. Chegavam de Lisboa, da província, das ilhas, de Espanha, de França, de Inglaterra, de Itália, do Brasil... Das nossas colónias também vinham pedidos de assinatura. Emfim, o esforço dispendido era compensado, relativamente, de mais que não éramos exigentes em matéria de esperanças, por conhecermos a aridez do terreno em que lançávamos a boa semente.

Ao carácter da revista impunha-se a nomeação de redactores-correspondentes, nos países em que o Espiritismo era mais cultivado. E surgiu o Dr. Rodrigo Sanz, em Espanha, o Dr. Gabriel Gobron, em França, o Dr. Carlos Imbassaby, no Brasil, o Dr. Luiz M. di Cristóforo, na Argentina... O primeiro, cêdo abandonou o seu posto, vitimado por terrível doença, que estoicamente suportou, até os derradeiros instantes. O último, acaba de chegar, espontaneamente, disposto a preencher lacunas existentes e a trabalhar com denodo, para que o Ideal aumente em luz e em prestígio.

Os amigos estiveram presentes, nas horas de apuro financeiro, porque os mil exemplares de tiragem que a revista teve que suportar impunham sacrifícios de grande monta. E, sem querer amesquinhar outros amigos valiosos que nos deram provas de generosidade, não podemos deixar de apontar um nome que, para nós, representa mais do que um amigo: José Carlos de Chelmicki Afflalo, do Rio de Janeiro, a quem se deve, em grande parte, a existência, não só de Estudos Psíquicos, como, também, do Centro Espiritualista Luz e Amor. Verdadeiro puritano de inconcussa

honestidade, apagando-se, para que só ressalte o triunfo do Ideal que o acalenta, é a austeridade personificada. Delegado Geral no Brasil e sócio honorário da nossa agremiação, Chelmicki Afflalo é parêde mestra do edificio que estamos a construir. Deviamos-lhe estas palavras de justiça e de gratidão. Que nos perdão, se vamos ferir a sua modéstia.

Faz um ano que aqui nos abalancamos à tarefa de vulgarizar a Doutrina, enfrentando obstáculos de toda a ordem, absolutamente convencidos de que a posição que ocupamos é a única que poderiam ocupar os que trabalham em Estudos Psíquicos.

Vamos entrar em novo ciclo de propaganda, com a mesma fé, a mesma tenacidade, a mesma esperança de vencer. Os leitores não abandonarão a nossa obra, que, sendo modesta, não deixa de se impor à boa cultura, segundo nos dizem cartas de pessoas entendidas no assunto. Se assim é, se Estudos Psíquicos vale alguma coisa, como instrumento cultural, há motivos fortes para continuar no mesmo rumo. É o que faremos, certos de que seremos novamente auxiliados por todos aqueles que nos auxiliaram no ano decorrido, aos quais apresentamos as nossas saudações e os nossos agradecimentos.

2.º Congresso Espirita Português

O órgão da Federação Espirita Portuguesa insere no seu número de Julho-Agosto uma local acerca do 2.º Congresso Espirita Português, idea que agitámos nestas colunas e que vemos agora aproveitada por aquela colectividade.

Diz a citada local:

Logo que termine o estado calamitoso da guerra em que se encontra a maior parte das nações da Europa, tenciona a Federação Espirita Portuguesa levar a efeito, em Lisboa, o 2.º Congresso Espirita Português.

Até lá, entendeu o Conselho Superior Deliberativo e a Comissão Técnica desta colectividade que, encontrando-se mergulhados em cruciante dor os nossos irmãos das nações beligerantes — dor a que inteiramente nos associamos — não se devem promover realizações desta ordem. O momento é de inteira solidariedade moral para com os que sofrem e de profunda concentração de auxílio espiritual.

Achamos estranho que se venha anunciar um duvidoso acontecimento, cuja realização é condicionada por outro acontecimento, ainda mais duvidoso: o termo da guerra europeia, que se desenrola em tantas e variadas frentes de combate. Lá que a Federação queira assumir atitudes, reivindicando para si a promoção de congressos que podem, igualmente, ser promovidos por qualquer colectividade, bem está, pois de bom grado cedemos a nossa vez a quem demonstra tão boa vontade de trabalhar. O que não compreendemos

NOTICIÁRIO

Jornais recebidos

Entraram nesta redacção dois interessantes quinzenários, com os quais gostosamente permutaremos.

A *Vida Social*, de Leça do Bailio, é dirigida por Mariano Pereira e insere escolhida colaboração, além dum magnífico suplemento de quatro páginas dedicadas ao naturismo e secções de colonialismo e esperantismo, que muito enriquecem o bem redigido quinzenário.

Pensamento, do Pôrto, Rua Sá da Bandeira, 331, 3.º, sala 11, é dirigido pelo Dr. António Augusto da Silva Tavares e excelentemente colaborado por nomes que se afirmam prometedores.

As duas publicações, apresentamos os nossos cumprimentos.

Grande oferta de livros

O Centro Espiritualista Luz e Amor acaba de ser distinguido com um donativo importante, por parte da Fundação Marieta Gaio, do Rio de Janeiro. Além do muito que esta agremiação nos tem feito, ofereceu-nos agora o pagamento integral do nosso débito à Livraria da Federação Espirita Brasileira, na importância de cerca de mil e quinhentos escudos.

Não sabemos como agradecer o gesto filantrópico da prestante Fundação, a cujos destinos preside o

demos, por mais raciocínios a que submetamos o espírito, é a não oportunidade do congresso, no actual momento internacional.

Os congressos espiritas e espiritualistas só podem contribuir para o bem da humanidade, só podem alvejar a paz do mundo. São paradas de forças assestadas contra o Mal, das quais só pode e deve resultar a união das almas afins, a coesão das fileiras em que militamos.

É absolutamente necessário realizar o 2.º Congresso Espirita Português. Esta é a grande verdade. A dilatação anunciada, apenas encobre designios incompreensíveis. ¿Que terá a guerra dos outros com o congresso em questão? ¿Não se realizaram já alguns congressos em Lisboa e Pôrto, desde que a guerra eclodiu? ¿E deixaram, porventura, de se discutir e estudar as questões apresentadas?

Os espiritas lusitanos querem falar uns com os outros em público, a-fim-de restabelecer a confiança no futuro da Causa e apresentar reivindicações naturalíssimas e normas de orientação que é forçoso introduzir no nosso movimento. Por isso, reclamamos o Congresso, em nome de milhares de adeptos que não estão dispostos a deixar morrer a ideia que emitimos em Estudos Psíquicos, certos de que da sua materialização depende a sorte do Espiritismo, neste recanto da Europa ocidental.

Se os nossos irmãos estrangeiros estão «mergulhados em cruciante dor», — como diz o citado órgão,

nosso estimado consócio sr. Manuel Jorge Gaio, auxiliado pelo nosso Delegado Geral no Brasil, sr. José Carlos de Chelmicki Afflalo, aos quais apresentamos os nossos melhores cumprimentos de gratidão.

Transcrições

A *Revista Internacional do Espiritismo*, de Matão, Brasil, transcreveu, no seu número de Maio último, «A confissão de Richet» e «Anúncio de reencarnação confirmada pelos factos», publicados nos números 1 e 3 de *Estudos Psíquicos*.

Redactores correspondentes

É com o maior prazer que levamos ao conhecimento dos leitores mais um redactor-correspondente de *Estudos Psíquicos*, desta vez na grande cidade de Buenos Aires. Trata-se dum eminente cientista, cuja operosidade excede tudo o que se pode imaginar. Este facto é tanto mais lisongeiro para esta revista, quanto é certo o Dr. Luiz M. di Cristóforo — assim se chama o novo redactor — ter vindo espontaneamente ocupar um lugar à nossa mesa. A seu pedido, enviámos alguns exemplares de *Estudos Psíquicos* à Biblioteca da *Agrupación Estudiosa «Camilo Flammarion»* (com o *Boletim* da qual passámos a permutar) e pedimos-lhe um artigo, a-fim-de promover o intercâmbio espi-

ATENÇÃO

No próximo dia 10 de Novembro, às 15 horas, realizar-se-á na Sociedade Teosófica, Rua Passos Manuel, 20, cave, a 5.ª Reunião de confraternização, comemorativa do 1.º aniversário do regresso à actividade do Centro E. Luz e Amor.

Haverá sessão solene, em que falará o Presidente da Direcção do Centro e o consócio sr. Coronel Faure da Rosa, seguindo-se alguns números de canto, música e declamação.

No mesmo dia, às 21 horas, proceder-se-á à inauguração oficial da Sede na Rua do Salitre, 149, 1.º, D.º, com sessão solene, imposição do emblema aos sócios presentes e leitura das poesias premiadas nos Jogos Florais Espiritualistas.

Os sócios poderão ser acompanhados das respectivas famílias.

— mais razão existe para a realização do Congresso. Quanto mais não fôsse, serviria para elevação de pensamentos em holocausto ao progresso espiritual dos povos malavindos e jámais em detrimento de quem quer que fôsse.

Venha, pois, o 2.º Congresso. Venha, quanto antes, como satisfação aos inúmeros desejos que o reclamam.

I. D. S.

rita luso-argentino. Pois este illustrado confrade respondeu-nos em carta amabilíssima, nela explanando conceitos que estamos muito longe de merecer.

Diz elle, em certa altura da sua carta:

«Vi *Estudos Psíquicos* na Agrupación e fiquei encantado. O simples facto de poder colaborar daqui para ella e para o seu director, conforme seu amável convite, escrevendo, representando-a, sendo o seu redactor-correspondente na República Argentina, tal como o é em Paris o colega e erudito Gobron, é honra que me esforçarei por merecer».

Temos, pois, mais um esforçado pioneiro ao nosso lado. Isso nos anima, por verificar que os maiores vultos do Espiritismo mundial acompanham, carinhosamente, a nossa obra. Assim pudésemos nós corresponder, em eficiência, à honra que tão doutos luminaires nos têm conferido!

Emblemas do Centro

A partir de 10 de Novembro próximo, estarão à venda na sede do Centro, ao preço de 5 escudos, os emblemas destinados aos nossos associados. Quem os requisitar pelo correio, deverá remeter 6 escudos, em vale postal ou estampilhas de 40 centavos.

Inauguração dos trabalhos práticos

No dia 13 de Outubro corrente, pelas 21,30, foram abertos os trabalhos práticos do Centro E. Luz e Amor, a que assistiram muitos associados. Durante a meia hora destinada a prelecção e leitura de textos, o Dr. Pedro Dias de Sousa, na qualidade de director de sessão, expôs os motivos que levaram a Direcção do Centro à realização de sessões experimentais gerais, ao contrário do que estava estabelecido. A seguir, foi lido o Regulamento dos mesmos trabalhos, tendo-se iniciado a sessão propriamente dita, que foi encerrada às 23,30.

Programa dos trabalhos do Centro a realizar em Outubro, Novembro e Dezembro, na Rua do Salitre, 149, 1.º

Dia 27 de Outubro, às 21,30 — Sessão experimental geral.

Dia 3 de Novembro, às 15 horas — Conferência pelo Coronel Faure da Rosa, intitulada «O fenómeno espirita».

Dia 10 de Novembro, às 21 horas — Inauguração oficial da Sede, imposição do emblema e leitura das poesias premiadas nos Jogos Florais Espiritualistas.

Dia 17 de Novembro, às 15 horas — Conferência pelo Dr. Sebastião Elviro Martins, intitulada «O Problema da Morte».

Dia 24 de Novembro, às 21,30 — Sessão experimental geral.

Dia 1 de Dezembro, às 15 horas — Conferência pelo Dr. António J. Freire, intitulada «Alguns aspectos do mundo astral».

Dia 8 de Dezembro, às 21,30 — Sessão experimental geral.

Dia 15 de Dezembro, às 15 horas — Conferência por Isidoro Duarte Santos, intitulada «O Espiritismo e a Juventude».

Auxílio a «Estudos Psíquicos»

Transporte	2.365\$00
Capitão Manuel Joaquim Pires, de Évora	8\$00
Joaquim M. M. Marques Júnior, do Pôrto	10\$00
José A. Pais de Carvalho, de Mesquitela	24\$00
Total	2.407\$00

Caixa de Propaganda

Transporte	232\$20
Parte do saldo do passeio à Mata da Caparica	132\$60
Parte do produto líquido da rifa de uma jarra oferecida pela Sr.ª D. Bárbara Colaço Guerreiro	45\$60
A. B. C. G.	2\$50
Total	412\$90

Solidariedade

Transporte	52\$50
Bernardo Corrêa de Almeida, em intenção do espírito de sua saudosa esposa, D. Amélia do Carmo Assunção de Almeida	10\$00
Parte do saldo do passeio à Mata da Caparica	132\$60
Total	195\$10

Subscrição pro-Sede

Transporte	2.957\$00
J. Vendrell	600\$00
Eugénio P. Antunes	100\$00
Parte do produto líquido da rifa de uma jarra oferecida pela Sr.ª D. Bárbara Colaço Guerreiro	45\$60
Eduardo Fernandes de Matos	20\$00
Total	3.722\$60

A REENCARNAÇÃO

Não houve, jámais, crença mais bela, mais justa, mais pura, mais moral, mais fecunda, mais consoladora e, até certo ponto, a única que não é odiosa e a menos absurda de todas.

Maeterlink

OS FENÓMENOS DO MAGNETISMO

Estamos tão longe de conhecer todos os agentes da natureza, que não seria próprio dum filósofo negar os fenómenos unicamente por serem inexplicáveis, no actual estado dos nossos conhecimentos. O que nos compete é examiná-los escrupulosamente e determinar até que ponto é preciso multiplicar as observações ou as experiências, a-fim-de obter uma probabilidade superior à razão que se pode invocar, para os não admitir.

Laplace (a propósito do magnetismo animal)